



Universidade de Brasília
Faculdade de Ceilândia
Curso de Graduação em Saúde Coletiva

**POR ENTRE ESPAÇOS E TEMPORALIDADES: CORPO,
MEMÓRIA E HISTÓRIA DE VIDA DE UMA BENZEDEIRA**

MARIANA TORRES MÁXIMO

BRASÍLIA, 2013



Universidade de Brasília
Faculdade da Ceilândia
Curso de Graduação em Saúde Coletiva

POR ENTRE ESPAÇOS E TEMPORALIDADES: CORPO, MEMÓRIA E HISTÓRIA DE VIDA DE UMA BENZEDEIRA

Autora: Mariana Torres Máximo
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sílvia Maria Ferreira Guimarães

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Ceilândia,
Universidade de Brasília/UnB como parte
dos requisitos para obtenção do título de
Bacharel em Saúde Coletiva.

BRASÍLIA, 2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço à senhora que motivou essa pesquisa, por dividir conosco suas lembranças sobre essa trajetória de vida tão bonita e também aos seus familiares pela paciência e por me receberem de forma acolhedora em seu lar.

À minha mãe, que me incentivou a estudar na Universidade de Brasília e que me apoiou durante toda a minha jornada acadêmica. À minha irmã, companheira de vida, com a qual dividi todas as angústias e alegrias nesse período. Ao meu pai, que me inspirou por sua disposição para o trabalho e que, com certeza, me acompanhou e me deu força durante a graduação e a realização deste trabalho. Amo vocês!

Ao Cleber pelo direcionamento na escolha do curso, pelo apoio e dedicação durante esse período de estudo e por me motivar a seguir a carreira de sanitarista.

Agradeço também a todos os professores que foram responsáveis pela minha formação como profissional e que compartilharam comigo um pouco do conhecimento que batalharam para conquistar.

Ao Prof. Dr. Renato Cabral por me apresentar o universo encantador da terapia popular e de seus sujeitos, e pelo direcionamento e auxílio nas idas a campo.

Aos meus colegas do projeto “Da fé que me move à palavra que cura: benzedores e suas benzeções no DF”, especialmente à June Lasse.

À minha orientadora Sílvia Guimarães por me ensinar a olhar a saúde de forma mais humana, por me tranquilizar e incentivar durante a construção desse estudo, e pelos finais de semanas dedicados à sua elaboração.

Às minhas companheiras de curso, e agora de profissão, um agradecimento especial por acompanharem de perto essa jornada. Obrigada pela parceria e por transformarem as aulas, seminários e corujões de estudo em momentos únicos e divertidos, além de compartilharem comigo tantos desafios e alegrias.

À minha família pelo apoio e amor e pela compreensão das minhas ausências nas reuniões de família durante o período acadêmico.

Agradeço a Deus e à espiritualidade amiga por iluminarem meu caminho e minhas escolhas, pelas palavras de incentivo, pelo apoio nos momentos de dificuldade e por estarem sempre presentes na minha vida.

Por fim, agradeço a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a conclusão de mais uma etapa da minha vida.

**POR ENTRE ESPAÇOS E TEMPORALIDADES: CORPO,
MEMÓRIA E HISTÓRIA DE VIDA DE UMA BENZEDEIRA**

MARIANA TORRES MÁXIMO

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. **SÍLVIA MARIA FERREIRA GUIMARÃES** (FCE/UnB)
Orientadora

Profª. Dra. **ÉRICA QUINÁGLIA** (FCE/UnB)

Profª. Dra. **ROSAMARIA CARNEIRO** (FCE/UnB)

RESUMO

Atualmente, ocorre no Brasil um aumento expressivo da quantidade de idosos na composição da sua população. Assim, esse segmento populacional ganha mais representatividade no conjunto das necessidades e demandas sociais e de saúde. É necessário, portanto, conhecer melhor esses sujeitos, considerando que o processo de envelhecimento se apresenta de diversas formas no território brasileiro, e que as políticas de saúde na área do envelhecimento devem levar em consideração os determinantes de saúde ao longo de todo o curso de vida. Desse modo, o presente estudo procura compreender, sob o ponto de vista de uma idosa benzedeira, que atua em contexto urbano, seu processo de envelhecimento, como pensa e vive a concepção de corporalidade e os processos saúde-adoecimento. Assim, será utilizada a etnografia pautada pela coleta da história de vida e a entrevista narrativa como metodologias de pesquisa qualitativa. Aqui são analisadas as formas de sociabilidade dessa idosa, onde se insere e o significado da benzeção ao longo de todo o curso de vida, que compreende, além de outros aspectos, a iniciação como benzedeira, a sua legitimação como tal e a transmissão desse saber. Por meio dessa narrativa percebe-se que a trajetória no ofício da benzeção é um processo de constante aprendizado na vida do sujeito estudado. No exercício desse ofício ocorrem conquistas, acúmulo de conhecimento, novas experiências, formação e ressignificação de valores. Além de vivenciar de forma ativa o envelhecimento, o sujeito desse estudo tem uma imagem positiva dessa fase da vida. Destaca ainda em seu discurso a importância de buscar alternativas de valorização positiva desse momento da vida.

Palavras-chave: envelhecimento, benzedeira, trajetória de vida, saúde-adoecimento.

ABSTRACT

Currently, Brazil there is a significant increase in the amount of elderly in the population layout. Thus, this population segment earns more importance in the set of needs and social demands and in health. It is therefore necessary to understand better these subjects, whereas the aging process happens in different ways in Brazilian territory, and health policies in the ageing field should consider determinants of health throughout the course of life. Thus, this study seeks to understand from the point of view of an elderly healer who works in the urban context, the aging process, how he thinks and lives the concept of corporeality and processes of health-illness. Thus, it will be used guided ethnography by collecting life history and narrative interview as a qualitative research methodology. Here we analyze forms of sociability that elderly, which includes the meaning of a healer work's throughout the life course, which includes, among other aspects, the initiation as healer, his legitimacy as such and the transmission of this knowledge. Through this narrative it is clear that the trajectory of the healers craft is a constant learning process on the life of the person studied. Exercising this craft is possible to strike conquers, accumulate knowledge, have new experiences, training and redefining values. In addition to experience in an active aging, the subject of this study has a positive image of this life phase. This speech also emphasizes in the importance of seeking alternative positive valuation of this time of life.

Key-words: aging, healer, life path, health-illness.

LISTA DE SIGLAS

| | |
|------------|---|
| CTN..... | Centro de Ensino Médio Taguatinga Norte |
| FPS | Fundação Pioneiras Sociais |
| IAPI..... | Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| OMS | Organização Mundial de Saúde |
| SESC | Serviço Social do Comércio |
| SUS | Sistema Único de Saúde |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 DISCUSSÃO SOBRE OS PROCESSOS DE ENVELHECIMENTO: CONTEXTUALIZANDO A VIDA DE UMA BENZEDEIRA | 13 |
| 3 CAMINHOS METODOLÓGICOS | 16 |
| 4 HISTÓRIA DE UM ENVELHECIMENTO EM ESPAÇOS E TEMPORALIDADES DIVERSAS..... | 20 |
| 4.1 O tempo no espaço do Rio de Janeiro: do nascimento em Minas Gerais aos quinze anos.. | 21 |
| 4.2 O tempo no espaço de Brasília: dos quinze anos aos dias atuais | 22 |
| 4.3 Trabalho no SESC: aprendizado, realização, confiança, independência..... | 28 |
| 5 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO NA PERSPECTIVA DE UMA BENZEDEIRA | 31 |
| 6 TRAJETÓRIA INDIVIDUALIZADA COMO BENZEDEIRA EM UM CONTEXTO DE SINCRETISMO RELIGIOSO..... | 35 |
| 7 O RITUAL DA BENZEÇÃO | 42 |
| 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 47 |
| 9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 50 |

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o mundo tem passado por uma transformação demográfica, com aumento considerável da população idosa. Essa transição ocorre, no Brasil, de forma rápida e com crescimento significativo dessa população. A cada ano, 650 mil novos idosos são incorporados à população brasileira (IBGE, 2000). Segundo Veras (2009, p. 549), “o número de idosos no Brasil passou de 3 milhões, em 1960, para 7 milhões, em 1975, e 20 milhões em 2008 – um aumento de quase 700% em menos de 50 anos”. Assim, a população idosa tem se tornado mais expressiva na sociedade brasileira e, “[...] conseqüentemente, doenças próprias do envelhecimento passaram a ganhar maior expressão no conjunto da sociedade” (*op. cit.*). De acordo com Goldenberg (2011), a taxa de fecundidade no Brasil, em 2008, de 1,8 nascimentos por mulher é a menor registrada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Sendo assim, há um movimento crescente de diminuição do número de nascimentos e redução da população mais jovem, enquanto a faixa de pessoas com 60 anos ou mais cresceu em todas as regiões do Brasil. Diante desse quadro, a intenção deste trabalho é analisar, por meio da história de vida de uma velha benzedeira, de que maneira ela vivencia, percebe e elabora as mudanças corporais, sociais, espaciais, temporais advindas com o processo de envelhecimento. Principalmente, este trabalho pretende discutir de que maneira ser benzedeira, isto é, os saberes e práticas da benzeção podem afetar ou não o seu envelhecimento.

Como resposta ao aumento das demandas e necessidade de investimento nesse segmento populacional, o Estado Brasileiro lançou mão de diversas estratégias para promover o bem-estar e a qualidade de vida desses sujeitos. Assim, foi promulgada em 1994 e regulamentada em 1996, a “Política Nacional do Idoso”, que assegura direitos sociais à pessoa idosa, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade e reafirmando o direito à saúde nos diversos níveis de atendimento do Serviço Único de Saúde – SUS. (Lei n.º 8.842, de 4 de janeiro de 1994 e Decreto n.º 1.948, de 3 de julho de 1996). Posteriormente, foram anunciadas a “Política Nacional de Saúde do Idoso”, por meio da Portaria Ministerial n.º 1.395, de 10 de dezembro de 1999; e o Estatuto do Idoso, em 2003. Essas políticas foram influenciadas também pelas recomendações da Organização Mundial de Saúde – OMS:

A OMS recomenda que políticas de saúde na área de envelhecimento levem em consideração os determinantes de saúde ao longo de todo o curso de vida (sociais, econômicos, comportamentais, pessoais, culturais, além do ambiente físico e acesso a serviços), com particular ênfase sobre as questões de gênero e as desigualdades sociais. (VERAS, 2009, p. 550)

Nesse contexto, em 19 de outubro de 2006, foi aprovada a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, por meio da portaria nº 2.528.

A finalidade primordial da Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa é recuperar, manter e promover a autonomia e a independência dos indivíduos idosos, direcionando medidas coletivas e individuais de saúde para esse fim, em consonância com os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde. É alvo dessa política todo cidadão e cidadã brasileiros com 60 anos ou mais de idade. Essa política considera que o conceito de saúde para o indivíduo idoso se traduz mais pela sua condição de autonomia e independência que pela presença ou ausência de doença orgânica. (Portaria nº 2.528/SAS/MS, de 19 de outubro de 2006)

Segundo Nunes (2006), o olhar das ciências sociais e humanas é fundamental para a compreensão dos processos de vida, do trabalho e da morte, visto que essas disciplinas orientam suas investigações para a relação de sentido entre o corpo biológico, o social e o cultural. Goldenberg (2011, p. 9), citando Simone Beauvoir, afirma que “é muitas vezes pelo olhar do outro que o indivíduo se percebe como velho”, então, cabe analisar como os sujeitos avaliam as perdas e ganhos no processo de envelhecimento em determinado contexto social, em interação com outros. Para se debruçar sobre as singularidades e experiência em se tornar um idoso, deve-se investir nas ferramentas analíticas e metodológicas das ciências sociais.

Tendo em vista o contexto apresentado anteriormente, se faz necessário compreender o universo dos idosos e suas significações e conceitos de saúde, cura, doença, entre outros aspectos. Assim, o foco desta pesquisa é compreender a concepção de corpo e memória no espaço e no tempo sob o ponto de vista de uma idosa benzedeira. Visando alcançar esse objetivo, será explorada a vertente social da Saúde Coletiva, tendo em vista que para Birman (1991 *apud* Nunes 1994, p. 19), “a saúde coletiva ao introduzir as ciências humanas no campo da saúde, reestrutura as coordenadas desse campo, trazendo para o seu interior as dimensões simbólica, ética e política”. Nunes (1994, p. 19) afirma também que “a saúde coletiva - constituída nos limites do biológico e do social - ainda continua a ter pela frente a tarefa de investigar, compreender e interpretar os determinantes da produção social das doenças”.

Este trabalho visa compreender, sob o ponto de vista de uma idosa benzedeira, que atua em contexto urbano, seu processo de envelhecimento assim como pensa e vive a concepção de corporalidade e os processos saúde-adoecimento. Além disso, pretende analisar as formas de sociabilidade onde se insere e o significado da benzeção ao longo de todo o curso de vida e na teia de relações sociais onde está inserida. Outro ponto relevante é conhecer em profundidade a experiência de ser um idoso no contexto urbano da Ceilândia, cidade Distrito Federal. Também, compreender como o envelhecimento pode interferir na prática do benzimento e na sua autonomia.

A compreensão do universo da população idosa, no espaço de Ceilândia, tem grande importância para a Saúde Coletiva por se tratar de sujeitos de sua própria história, que podem relatar, por meio da sua história de vida, a construção da sua autonomia. Partindo do ponto de vista desse universo populacional, é possível elaborar estratégias de saúde direcionadas a esse segmento, enfatizando sempre que os idosos são participantes ativos do seu processo de saúde e adoecimento. Outro ponto a ser discutido é a diferença de gênero, pois trataremos aqui de uma mulher e de suas experiências na benzeção e no envelhecimento. Goldenberg relaciona e discute a temática de gênero, corpo e envelhecimento, especialmente, no Brasil, onde o corpo é uma capital para as mulheres jovens. Seguindo essa linha de análise, propõe-se aqui observar no que o corpo se transforma ao longo do envelhecimento e as diferenças de classe nessa problemática. Este trabalho irá inserir outro diacrítico ao tema: o ofício ou saber/ fazer da benzeção. De acordo com Hoffmann-Horochovski (2012), que tem um estudo com velhas benzedeadas e foi a principal fonte de inspiração para este trabalho, o modo de vida dessas mulheres reforça o fato da velhice, no século XXI, abranger múltiplas práticas e expressões.

O tema tratado nesta pesquisa é desenvolvido a partir de passagens narradas pelo sujeito deste estudo. Este trabalho foi organizado em seções que resgatam esses acontecimentos sociais da seguinte forma:

- Na segunda seção, discute-se a problematização do envelhecimento e a contextualização da vida de uma benzedeadas;
- Na terceira seção, discute-se os caminhos metodológicos que foram seguidos para reconstruir os episódios relatados e os contextos em que se inserem;

- Na quarta seção, discute-se a história do envelhecimento de uma benzedeira, que é registrada de acordo com episódios vividos em diferentes espaços e temporalidades;
- Na quinta seção, discute-se a vivência desse processo de envelhecimento na perspectiva de uma benzedeira;
- Na sexta seção, discute-se o sincretismo religioso que perpassa essa trajetória individualizada, e
- Na sétima seção, discute-se e o ritual de benzeção, que foi ressignificado e reinventado durante o percurso da vida aqui narrada e discutida.

2 DISCUSSÃO SOBRE OS PROCESSOS DE ENVELHECIMENTO: CONTEXTUALIZANDO A VIDA DE UMA BENZEDEIRA

Segundo dados do (IBGE, 2000), ocorre no Brasil um processo acelerado de transição demográfica. A cada ano, cerca de 650 mil novos idosos são incorporados à população brasileira. Dessa forma, percebe-se a necessidade de maior investimento em estudos dessa população, tendo em vista que “reconhecer a complexidade inerente ao processo de envelhecimento e as inúmeras possibilidades de vivenciar o final da vida no século XXI é um passo assaz importante num país onde a população de velhos é cada vez maior”. (Hoffmann-Horochovski, 2012, p. 137) Portanto, deve-se levar em conta que essas pessoas apresentam uma diversidade de formas de viver e pensar o envelhecer. Segundo Goldenberg (2011), no livro que organizou, é possível perceber uma ambiguidade do significado do envelhecimento; por um lado, há as perdas associadas a esse processo, isto é, as limitações físicas, doenças, solidão, perda de status etc; de outro, há o amadurecimento, experiência, maturidade, sabedoria, aprendizado etc. Nesse sentido, é necessário compreender de que maneira as pessoas estão vivenciando o processo de envelhecimento. Assim, deve-se ter uma reflexão crítica sobre o processo de envelhecimento, apresentando alternativas de valorização positiva dessa etapa da vida. O tema do envelhecimento é complexo diante da variedade de contextos sociais onde as pessoas se encontram, conseqüentemente, as políticas públicas devem observar a série de significados que são construídos nesse processo.

Conforme orientações da OMS, as políticas de saúde na área do envelhecimento devem levar em consideração os determinantes de saúde ao longo de todo o curso de vida. Levando em conta aspectos sociais, econômicos, comportamentais, pessoais, culturais, além do ambiente físico e acesso a serviços. Assim:

Para que possamos desenvolver intervenções adequadas às características sociais e culturais da população idosa, é preciso conhecer um pouco mais sobre a maneira com que os idosos brasileiros envelhecem, como atribuem significado a este período de suas vidas ou como o integram às sua experiência. (UCHÔA, 2003, p. 850)

Nesse contexto, além da realização de pesquisas epidemiológicas, são necessários estudos antropológicos sobre essa população com a finalidade de conhecer

como o idoso percebe seu processo de envelhecimento e quais são suas implicações sobre o seu bem-estar e conseqüentemente sobre a sua saúde. Dessa forma, é preciso investigar também aspectos culturais dessa população. Ressalta-se que esta pesquisa se apoia no conceito de cultura definido por Geertz, segundo o qual “a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade”. (GEERTZ, 1989, p. 24)

Dentro dos aspectos culturais é imprescindível compreender o impacto que as formas de sociabilidade têm sobre a vida do idoso, tendo em vista que:

As formas de sociabilidade não familiar dos idosos promovem a sensação de pertencimento, de ser útil, de não ser um peso morto. E assim ocorre com o ofício da benzeção, que pode ser citado, nesse contexto, como uma forma de sociabilidade e interação da benzeadeira com um grupo de pessoas, sejam clientes ou também benzeadeiras, que fazem com que ela tenha uma identidade”. (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012, p. 128)

Assim, essa abordagem social nos auxilia a “ganhar acesso ao mundo conceitual no qual vivem os nossos sujeitos, de forma a podermos, num sentido um tanto mais amplo, conversar com eles”. (GEERTZ, 1989, p. 35) Acesso esse que se faz ainda mais necessário, considerando que o presente estudo abordará a história de vida de uma idosa benzeadeira. Acredita-se que essas agentes promotoras de saúde possuem uma significação de vida singular.

De acordo com Nery (2004), a bênção é um veículo que possibilita ao seu executor estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos, com os homens e entre ambos. As benzeadeiras se percebem como instrumentos de Deus e como pessoas que receberam uma missão de ajudar aos necessitados. Algumas contam, ainda, com auxílio de entidades sagradas para realizar seus rituais de bênção. Essas terapeutas populares geralmente pertencem à comunidade e são legitimadas por ela como agentes de cura ou de promoção do bem estar. Assim, elas são reconhecidas por curar as aflições das pessoas por meio de uma relação de solidariedade através de ações de caridade.

Geralmente, as pessoas recorrem às benzeadeiras não somente quando a biomedicina não traz os resultados esperados pelo usuário, mas também como

complemento ao tratamento biomédico, há também aqueles que a utilizam como única fonte de tratamento. De acordo com Fleischer et al. (2008), as terapêuticas populares mantêm sua vitalidade e relevância em forma de resistência ativa ou por meio de processos de persistências mais fluidas e sutis que têm circulado entre outros grupos sociais. Assim, as terapêuticas populares são acionadas por fazerem sentido para essas pessoas e não por uma suposta falta de escolha, falta de acesso, de infraestrutura, de informação ou de esperança. De acordo com Fleischer et al:

[...] este “conjunto” de faltas, definidoras inexatas das pessoas, não raro é alegado pelos profissionais bem-intencionados, adeptos dos ideais de universalização do serviço de saúde, mas pouco sensíveis às lógicas simbólicas que insistem em preponderar nos interstícios ou nas margens dos serviços. Muito embora em várias situações a precariedade dos serviços de saúde seja notável nos contextos em que vivem estes sujeitos, é notável perceber que os usos que são feitos dos serviços, quando possível, são usos estratégicos e táticos, conscientes e articulados, que denotam claramente a persistência de cosmologias específicas, mais ou menos abertas às trocas com os recursos humanos e materiais oficiais. (FLEISCHER ET AL, 2010, p. 14)

A legitimação desses atores sociais ocorre, normalmente, por eles possuírem mais sensibilidade para entender o sujeito em sua totalidade, ou seja, estarem inseridos em códigos culturais localizados. Atribuindo, dessa forma, significado aos males relatados e legitimando o sentimento do usuário, esses terapeutas populares combatem os males físicos e da alma, conseqüentes de relações sociais. De acordo com Nery (2004), esses terapeutas populares estabelecem com a comunidade em que se encontram um sistema próprio de interação que integra cantos, gestos, rezas e orações. Assim, conferem significado e infundem emoção nesse contexto relacional.

Hoffmann-Horochovski (2012), retrata em seu estudo, por meio da história de três benzedeiros, como as limitações de doenças, que geralmente aparecem nessa fase da vida, como o diabetes e a hipertensão, podem interferir na prática do benzimento e, assim, na sua autonomia. Por sua vez, este trabalho se interessa por investigar a significação do envelhecimento para essas pessoas que exercem o ofício da benzeção, pois possui concepções de saúde e bem-estar diferentes, tendo em vista que abdicam de muitas atividades de lazer, entre outras, para benzer. Este trabalho levanta como hipótese que a prática da benzeção permite um olhar específico sobre os ciclos da vida, sobre o envelhecimento e a morte. Acredita-se que uma benzedeira vive de forma mais natural e enfatizando mais os ganhos do que as perdas de todo esse processo.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

O presente estudo tem como sujeito uma senhora de 67 anos moradora de Ceilândia, DF, que aqui será chamada pelo nome fictício de Dona Maria. Nascida em Minas Gerais, viveu sua infância e adolescência no Rio de Janeiro e veio para Brasília com 15 anos, pois seu pai, Tião Calazans¹, foi um dos primeiros trabalhadores da construção de Brasília. A partir de então, ela não mudou mais de Brasília. Casou-se e formou sua família. Possui quatro filhos, quatro netos e hoje é uma mulher aposentada, viúva e matriarca de sua família.

Ao selecionarmos apenas um sujeito de pesquisa para conhecer sua trajetória no ofício da benzeção, nos apoiamos em Goldenberg (2011). Para ela:

O reconhecimento da especificidade das ciências sociais conduz à elaboração de um método que permita o tratamento da subjetividade e da singularidade dos fenômenos sociais. Com estes pressupostos básicos, a representatividade dos dados na pesquisa qualitativa em ciências sociais está relacionada à sua capacidade de possibilitar a compreensão do significado e a "descrição densa" dos fenômenos estudados em seus contextos e não à sua expressividade numérica. (GOLDENBERG 2011, p. 49)

Para investigar o processo de envelhecimento e a construção da identidade do idoso com relação ao seu corpo e à sua memória, no espaço e no tempo, foram utilizadas a etnografia pautada pela coleta da história de vida ou história oral, como metodologia de pesquisa qualitativa, para compreender as significações atribuídas por esse sujeito às transformações sociais e corporais ao longo da vida. Por meio desse método, é possível investigar, também, as possíveis formas de perda da autonomia e da identidade que ocorre com alguns desses sujeitos, como fica evidente na fala de Bosi (1979, p. 342), ao citar Simone de Beauvoir (1970): “Improdutivo, ineficaz, o homem idoso aparece a si mesmo como sobrevivente. É por esta razão que ele se volta tão prazerosamente para o passado: é o tempo que pertenceu a ele, onde ele se considerava um indivíduo inteiro, um vivo”.

Segundo Oliveira (1998, p. 19), “a pesquisa etnográfica, por favorecer uma relação de diálogo entre sujeitos, permite que o confronto cultural entre a realidade estudada e a do pesquisador ocorra de forma mais natural”. Colaborando, assim, com a

¹ Será mantido o nome Tião Calazans tendo em vista que seu pai era uma pessoa muito conhecida e o fato dela não ter visto problema em manter o nome do seu pai.

história oral, por meio da qual, conforme Paulilo (1999, p. 136), “consegue-se penetrar nas intenções e motivos, a partir dos quais ações e relações adquirem sentido”. Assim, a autora enfatiza ainda a importância da sua utilização “quando os temas pesquisados demandam um estudo fundamentalmente interpretativo”, como no estudo em questão. Por meio da história oral, este trabalho irá focar a biografia dessa benzedeira, o que, de acordo com Goldenberg (2011) apresenta uma discussão de fundo sobre a singularidade de um indivíduo diante do contexto social e histórico em que está inserido. Cada vida pode ser vista como singular e universal, associando a história pessoal com a social. Desse modo, a autora segue afirmando que cada vida é uma “síntese individualizada e ativa de uma sociedade, uma reapropriação singular do universo social e histórico que o envolve” (*op. cit.* p. 36).

De acordo com Paulilo (1999, p. 137), “a história oral, mais do que sobre eventos, fala sobre significados; nela, a aderência ao fato cede passagem à imaginação, ao simbolismo”. Em consonância com essa metodologia, para Geertz (1989), a análise na pesquisa etnográfica é escolher entre estruturas de significação e determinar sua base social e sua importância para o sujeito estudado. Nesse sentido, Bosi (1979) faz uma comparação entre o papel do pesquisador e de um arqueólogo:

Imagine-se um arqueólogo querendo reconstituir, a partir de fragmentos pequenos, um vaso antigo. É preciso mais que cuidado e atenção com esses cacos; é preciso compreender o sentido que o vaso tinha para o povo a quem pertenceu. Que função servia na vida daquelas pessoas? Temos que penetrar nas noções que as orientavam, fazer um reconhecimento de suas necessidades, ouvir o que já não é audível. Então recomporemos o vaso e conheceremos se foi doméstico, ritual, floral [...] (BOSI, 1979, p.336)

O processo de investigação dos valores e significados atribuídos à saúde, por exemplo, nos períodos de transição durante a vida:

[...] requer uma compreensão íntima da vida de outros, o que permite que os temas abordados sejam estudados do ponto de vista de quem os vivencia, com suas suposições, seus mundos, suas pressões e constrangimentos. (PAULILO, 1999, p. 141)

Assim, é possível compreender alguns valores e os anseios de uma população, como a de idosos, por meio da história de vida de um sujeito pertencente a ela, pois os marcos da vida desse sujeito se colocam justamente no ponto de encontro entre o contexto social e a vida individual, como afirma Queiroz (1998). Nesse sentido, Paulilo (1999) corrobora com a afirmação de Queiroz, apoiando-se em Denzim (1984):

O tempo mundano relacionado a presente, passado e futuro como horizonte temporal contínuo e o tempo fenomenológico que é o tempo como fluxo contínuo, é o tempo interior, contínuo e circular. Diz ainda que uma vida pode ser mapeada em termos de episódios cruciais de cujo manejo resultam os seus significados. E, contando delas, as pessoas contam mais do que uma vida, elas contam a vida de uma época, de um grupo, de um povo. (DENZIM, 1984 apud PAULILO, 1999, p. 142).

Foi utilizada também a entrevista narrativa, que foi utilizada no estudo como uma forma de “reconstruir acontecimentos sociais a partir dos dados referenciados pelo informante.” (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002, p. 93).

A estrutura de uma narração é semelhante à estrutura da orientação para a ação: um contexto é dado; os acontecimentos são sequenciais e terminam em um determinado ponto; a narração inclui um tipo de avaliação de resultado. A narração reconstrói ações e contexto da maneira mais adequada: ela mostra o lugar, o tempo, a motivação e as orientações do sistema simbólico do ator. (SCHUTZE, 1997, BRUNER, 1990)

Nesse contexto, foram aprofundadas algumas questões consideradas relevantes para o estudo. Para tal, as entrevistas e conversas com o sujeito foram gravadas, com a sua permissão, e transcritas. Além disso, foram feitas anotações de campo, nas quais nos apoiamos para descrever os rituais, o ambiente e as reações da Dona Maria durante as conversas. Enfim, a preparação da entrevista narrativa foi uma etapa importante da pesquisa: requereu tempo, pois o pesquisador deve ter uma ideia clara da informação de que necessitava.

Conheci Dona Maria por meio do projeto de extensão “Da fé que me move à palavra que cura: benzedores e suas benzeções no DF” da Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia. Eu e uma integrante do projeto entramos em contato com ela, pela primeira vez, em uma visita à sua casa. Apresentamo-nos como estudantes e informamos o interesse em conhecer sua trajetória como benzedora, em uma conversação amistosa, explicando a finalidade da pesquisa, seu objeto e relevância, ressaltando a necessidade de sua colaboração. Criou-se um ambiente que estimulasse o sujeito entrevistado a sentir-se à vontade para falar e agir espontânea e naturalmente. Assim, a história aqui apresentada é fruto de quatro encontros realizados ao longo do ano de 2012, nos meses de abril, maio, julho e outubro.

Durante e após a etapa de entrevista narrativa, foi mantido um clima de cordialidade, para que pudéssemos manter contato e voltar à sua casa, caso houvesse

necessidade de obter novos dados, sem que o entrevistado se opusesse a isso. Dessa forma, ainda acompanhamos o sujeito de pesquisa por meio de visitas informais e contatos telefônicos.

4 HISTÓRIA DE UM ENVELHECIMENTO EM ESPAÇOS E TEMPORALIDADES DIVERSAS

Aqui tratamos o envelhecimento como um processo de aprendizado, no qual ocorrem conquistas, acúmulo de conhecimento, novas experiências, formação e ressignificação constantes de valores. A memória será o elemento ativado nesse processo sobre os significados dados ao processo de envelhecimento de Dona Maria. A presente história de vida não é narrada por completo, mas de maneira ordenada como uma “sucessão de etapas na memória que é toda dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra: mudanças de casa ou lugar, morte de um parente, formatura, casamentos, empregos, festas.” (BOSI, 1994, p. 415). Portanto, há uma memória seletiva sendo operacionalizada, onde os fatos selecionados do passado fazem parte da vivência do presente e dos projetos que envolvem um futuro. De acordo com Le Goff (1992), a percepção do tempo em termos de um antes e depois não se limita à oposição entre presente/passado, mas implica nas observações sobre o futuro. Segundo Cozineiro e Vieira (2007), a trajetória de vida dos idosos é, também, marcada pelos recursos existentes, pela busca de projetos e por uma alternância de escolhas e opções.

“Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem com pontos de demarcação em sua história.” (BOSI 1994, p. 418) No caso em questão, diversos locais fizeram parte do processo de envelhecimento de Dona Maria. Cada cidade em que viveu e cada período de sua vida são representados aqui por acontecimentos marcantes narrados por ela. Acontecimentos esses que, segundo ela, podem não parecer tão importantes para quem os ouve, mas que têm grande significação em seu processo de amadurecimento. Caso relatado também por Bosi: “Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum.” (BOSI, 1994, p. 411) Vale destacar, ainda o “caráter não só pessoal, mas familiar, grupal, social da memória.” (BOSI, 1994, p. 59) Lembranças que aqui são relatadas por Dona Maria, podem ter sido apropriadas por ela em conversas com familiares e amigos que viveram no mesmo contexto.

Dona Maria é “mineira, criada no Rio” e brasiliense “de coração, corpo e alma”. Nasceu em 26 de março de 1946 na cidade de João Bulevar em Minas Gerais. Sua mãe e seu pai, também mineiros, nasceram nas cidades de Dom Silvério e Nova

Era, respectivamente. Com um ano e meio ela se mudou com a família para o Rio de Janeiro, por decisão do pai.

4.1 O tempo no espaço do Rio de Janeiro: do nascimento em Minas Gerais aos quinze anos

Dona Maria nasceu em Minas Gerais, mas foi para o estado do Rio de Janeiro com um ano e meio de idade, de acordo com ela:

Fui pro Rio com um ano e meio, meu irmão era recém-nascido e eu com um ano e meio, saímos de Minas e fomos pro Estado do Rio. [...] Fomos pra Bento Ribeiro, de Bento Ribeiro meus pais foram para Pulso Certo, de Pulso Certo fomos pro Morro do Querosene, em Bom Sucesso, de Bom Sucesso fomos pra Nova Iguaçu, onde meu pai comprou um lote. Era Baixada Fluminense, hoje já pertence ao Estado do Rio.

Nesse período Dona Maria lembra do alvoroço e animação que era sua casa, cheia de irmãos, sua mãe teve 10 filhos, ainda cuidava dos três sobrinhos da família de seu pai e dois irmãos caçula do seu pai. Todos viviam em um barraco de madeira em Nova Iguaçu.

Na sua infância, Dona Maria conta sobre a dificuldade de estudar, hoje, Dona Maria lê muitos livros e fala sobre isso com orgulho, o que se contrapõe a dificuldade que teve para estudar. O gosto pela leitura carrega um pesar do envelhecimento, pois Dona Maria tem problema na visão devido à idade, o que vem dificultando sua prática de leitura. Assim, ela recorda da dificuldade na infância para estudar:

E antigamente estudava em escola do governo só quem podia. Lá no rio minha mãe cansou de procurar escola pra mim lá em nova Iguaçu, Floriano Peixoto. Não dava pra eu estudar naquele colégio, porque eu não tinha condições. Pra você ver, escola do governo eu não pude fazer. E minha admissão no ginásio tive que fazer em escola particular, porque minha mãe não conseguia pra mim. Escola particular na minha época, devia ter uns 12 a 13 anos, era assim.

Sobre o gosto de ler, Dona Maria conta que a mãe a desestimulava, pois ela deveria ajudar em casa. Com 12 anos, Dona Maria tinha essa “mania” de ler:

Quer dizer, eu gostava de ler. Olha, menina, eu tinha época que eu entrava pra dentro do banheiro pra poder ler revista escondida da minha mãe. Aquela revista “Sétimo Céu”, (...) Eu lia tudinho escondido, porque minha mãe dizia que eu deixava de fazer os afazeres. Porque eu era irmã de dez irmãos dentro de casa. Então, quer

dizer, não faltava serviço no estado do Rio. Porque eu vim de lá com 15 anos e com uns 11 ou 12 anos eu tinha essa mania.

Além da leitura, marcou sua vida no Rio de Janeiro a juventude com namoros e a vigilância constante dos irmãos e da mãe. O pai de Dona Maria aparece pouco nesse período, pois a mãe estruturava e organizava toda a família, enquanto o pai trabalhava o dia inteiro.

4.2 O tempo no espaço de Brasília: dos quinze anos aos dias atuais

Há 52 anos, Dona Maria veio para Brasília com a família, pois seu pai foi um dos pioneiros que ajudou a construir a capital. Em 1956, seu pai veio trabalhar na construção de Brasília e o resto da família veio em 1960, isso justifica, também, a presença constante da mãe e ausência do pai no Rio de Janeiro. Nessa época, Dona Maria estava com 15 anos, ela relembra: “Primeiro fomos direto para o Núcleo Bandeirante, depois viemos morar em um barraco, que papai já havia construído em Taguatinga, descendo a Riachuelo, existe hoje o lote ali, né!?”

Dona Maria não tem boas lembranças de sua chegada à Brasília, o tempo de alegria, algazarra e casa cheia do Rio de Janeiro, passou a ser o tempo de dificuldade e estranhamento. Ao mesmo tempo, Dona Maria lembra desse período inicial, em Brasília, como um tempo bom em relação aos dias de hoje:

Meu Deus, que tristeza quando eu cheguei aqui. Deu vontade de voltar pro Rio. Meu irmão voltou, porque ele não gostava daqui. Portanto, que ele não morreu aqui, o meu irmão mais velho, ele morreu no Rio.” (...) Isso aqui era uma tristeza. Ali, o centro de Taguatinga, sabe onde é ali a Riachuelo hoje? Ali era o colégio marabá. Ali onde é o CTN, ali era o posto de saúde SAMDU. Ali que fala via SAMDU, ali tinha um posto de saúde chamado SAMDU. A comercial só existia até um ponto onde hoje é a Virgem da Vitória e tudo cascalhado. As lojas eram tudo de barraco de tábuas, tudo tábuas. Então a gente morava descendo aquela rua ali. Depois que foi montando o comércio. Ali só tinha o ponto de a gente passear e namorar, era na praça da igreja Perpétuo Socorro. Na época, a Perpétuo Socorro era feita de madeira, ali que tinham as quermesses as barraquinhas e era bom naquela época.

Nesse período inicial em Brasília, Dona Maria aponta seu primeiro contato com práticas terapêuticas religiosas. Seu pai era umbandista e, segundo Dona Maria, foi o primeiro pai de santo de Brasília. Fundou um centro espírita na Vila do IAPI, onde ela e sua família moraram, quando chegaram a Brasília, o qual foi transferido para a Ceilândia após a extinção da vila. De acordo com ela:

Ele fundou porque precisava, ele já era quase como um pai de Santo, então ele tinha que ter o local dele, né? Ele servia a Deus desse jeito aí, igual você vê aí muitos Pais de Santo. Então, ele tinha que ter o local dele, ele tinha que ter o Centro dele, já foi uma coisa exigida. Coisas do espírito dele, ele tinha que ter o local dele, entendeu?

Em seu relato, Dona Maria revela como o projeto de cura de seu pai é incorporado a experiência cotidiana de seus familiares:

Ele (espírito) pegava ele em casa, na rua, ele sentia a aproximação dele (espírito). Uma vez nós rimos muito porque ele tava no centro, perto da torre, e ele tomou um tapa na cabeça e saiu catando cavaco, e ele não sabe de onde saiu aquele tapa. Tudo isso ele conta, quer dizer, é algo muito espiritual, o espírito já estava cobrando dele, ele tinha que desenvolver e tinha que cuidar de gente, igual as igrejas, o padre cuida, o pastor cuida, e ele como Pai de Santo tinha que cuidar também. Ele tinha que ter as ovelhas dele também.

Essa experiência com seu pai irá marcá-la como uma benzedeira que apresenta um sincretismo religioso em sua prática. Além disso, Dona Maria enfatiza que, naquele período, o principal acesso à saúde era a ida a terapeutas populares, como raizeiras, benzedeiras entre outros. Ela e os irmãos frequentavam um “Centro Espírita” próximo da sua casa. De acordo com ela:

[...] A gente ia. Eu era mocinha, tinha meus irmãos e a gente ia lá. Aí dia de festa no centro espírita deles a gente gostava de ir, porque ganhava muita balinha, muito doce, muita festa e a gente participava. Tinha as quermesses juninas e eles hasteavam aquelas bandeiras de São João e ficava o mês todo aquela bandeira hasteada. Ali ficava o terço. Depois o baile, vinha a festa, comes e bebes, o negócio era bom!

Dona Maria afirma que eles não frequentavam com constância os médicos, pois, naquela época, quando alguém estava passando mal, não ia para o hospital, mas procurava uma benzedeira. Ela afirma que teve caxumba, procurou uma benzedeira e ficou curada nas mãos de uma benzedeira. De acordo com Dona Maria, “Tudo era benzedeira. Parecia assim, que a gente tinha mais fé nas benzedeiras. Eu já passei pelas mãos de muitas benzedeiras.”

Dona Maria transitava nesse universo de sistemas religiosos como sistemas terapêuticos, o que a marcou profundamente e a fez desenvolver esse ofício da benzeção, conforme veremos adiante. De acordo com Rabelo (1994), os cultos religiosos são importantes na interpretação e tratamento da doença. Os sistemas

religiosos enquanto sistemas médicos oferecem uma explicação à doença que a insere no contexto sociocultural mais amplo do sofredor. Sendo assim, a interpretação religiosa organiza estados confusos e desordenados em um todo coerente tendo em vista que o tratamento religioso age sobre o indivíduo como um todo, reinsserindo-lhe como sujeito, em novo contexto de relacionamentos. No caso de Dona Maria, a religião deve ser observada como um processo de viver uma experiência religiosa, como um processo de interação onde a religião é ressignificada a cada momento, a depender do processo de saúde-adoecimento. Enquanto, naquele período, os terapeutas populares eram uma presença constante, ela afirma que:

Hoje eu não sei o que acontece que, hoje, o pessoal não procura né... Porque eu acho que não tem mais fé, não sei como é que é. Porque quando você acha uma pessoa, você dá graças a deus, porque tem pessoas que hoje nem querem mais, nem querem mais ter o trabalho de orar e benzer as pessoas. Tudo isso acontece.

Albuquerque (2013), em sua análise sobre a história de vida de dois idosos da Samambaia, DF, associada à percepção que eles têm sobre os serviços de saúde antes e depois do SUS, discute como antes do SUS, as pessoas eram responsáveis por seu cuidado. O Estado brasileiro, sem garantir o direito à saúde, não oferecia serviços de saúde a toda a população brasileira. Desse modo, os terapeutas populares eram mais atuantes, no entanto, com o advento do SUS, pautado na prática biomédica, ocorreu uma crescente desvalorização das práticas populares de cuidado e um constrangimento sobre as práticas desses terapeutas.

Diante desse contexto, Dona Maria analisa:

Dificuldade assim (em ter acesso à saúde), não sei se é porque quando Brasília estava começando que estava me entendendo por gente, nessa idade, eu fui criada assim, na base de oração, na base de benção. Quase que a gente não via esses negócios de remédio. Hoje já tem mais facilidade pra você ter acesso a um remédio. O governo já te oferta e antigamente não. Antigamente pra você estudar em um colégio particular era igual à escola do governo, e hoje, na escola do governo só estuda quem não tem condições financeiras.

Na visão de Dona Maria, hoje, o acesso aos serviços de saúde e medicamentos está mais fácil. Sua mãe morreu de parto, sem assistência médica, não havia hospitais para atendê-la. Eles se consultavam no Hospital São Vicente de Paula, em Taguatinga, que na época era uma Santa Casa e havia uma dificuldade em conseguir vaga. Esse hospital foi inaugurado, no dia 3 de setembro de 1959, pela Fundação das

Pioneiras Sociais – FPS, e foi o primeiro hospital geral do Distrito Federal. À época, as Irmãs Vicentinas assumiram a administração do hospital (MOSENA 2009). Essa era a forma de acesso aos serviços de saúde de classes populares, além, obviamente, dos terapeutas populares. Mesmo com o acesso à saúde encontrado hoje em dia, Dona Maria afirma que não é fácil, você precisa de um “padrinho” para conseguir ser consultado.

Nesse contexto vivenciado nos seus primeiros anos em Brasília, Dona Maria continuou seu processo de aprendizado e aproximação das terapias populares. Como afirma ela: “ter uma madrinha espírita, um pai que é pai de santo, você quer que eu faça o que? Tenho que aprender né?” Assim, em contato com uma pluralidade de práticas religiosas, Dona Maria observou rituais em contextos diversos e especialistas manipulando um conjunto dado de símbolos para produzir a cura. Essa sua inserção em rituais benzeção e de cura por meio desses dois sujeitos e em diferentes contextos, marcou seu ofício como benzedeira. Além disso, Dona Maria aprendeu a lidar com algumas ervas do cerrado ao presenciar a preparação de banhos de ervas promovidos no Centro do seu pai, e por meio da troca de saberes com sujeitos que conheciam as propriedades curativas dessas ervas. Segundo seus relatos:

(...) Então eu vi meu pai se manifestar e cuidar daquelas crianças lá que eram muitas e adultos... Um dia eu assisti uma cena do meu pai (...) eu via muita gente porque meu pai frequentava lá, todo sábado a gente ia pra lá, quer dizer, querendo ou não eu aprendi muita coisa com ele. Só de ver eu aprendia.

Também, sua madrinha tinha habilidades para curar, tendo em vista que ela era “espírita umbandista” assim como seu pai. Dona Maria relembra do quartinho nos fundos da casa de sua tia, onde ela fazia as consultas, e onde passava o dia a observando, aprendendo tudo. Ao fazer essa releitura do universo das práticas de cura religiosas, Dona Maria faz uma reflexão sobre o seu aprendizado e aprofundamento do seu conhecimento, em Brasília:

[...] Tá aí, vim aprender essas raizadas aqui em Brasília, porque aqui achava muitas raízes. Porque meu pai, com esse negócio de preparar os banhos dos filhos de santo com as ervas que ele preparava lá. Então ele mostrava pra gente entendeu? Aquelas ervas cheirosas, ele pegava aquelas ervas muito na mata do catetinho, mas ele não mostrava. Eu via lá aqueles negócios. Tinha gente que falava: isso aqui é bom pra isso e pra isso, aí eu anotava.

Dona Maria conheceu seu marido no Centro Espírita do seu pai, porém ele não praticava nenhum ritual, frequentava a Casa apenas como membro. Ela casou-se e

continuou morando em Taguatinga. Teve duas filhas e, cerca de dez anos depois, nasceram os gêmeos. Nesse período, em que morava em Taguatinga levava, também, seus filhos às benzedeadas que atendiam nas proximidades da sua casa. Lembra das habilidades dessas benzedeadas de Centros Espíritas:

[...] tinha a dona Sebastiana que era do centro espírita Allan Kardec, tinha a irmã dela, também, que foi quem cuidava da minha filha, essas duas eu já conhecia. Tinha também a mulher do Seu João Tito, que ele era presidente de um centro espírita Allan Kardec. É, sempre a gente tá ali acompanhado e você vai vendo e vai aprendendo.

O processo de iniciação de Dona Maria no ofício de benzer perpassou sua adolescência em Brasília. A transmissão direcionada de saberes e técnicas, muitas vezes sigilosas, continuou até ela ter, aproximadamente, 30 anos, quando já tinha sua filha mais velha. A necessidade de aprendizado surgiu da sua constante procura por benzedeadas, pois sua filha mais velha “vivía mais na benzedeadas do que tudo”. Assim, em um episódio em que essa filha quase morreu de quebrando, surgiu a oportunidade de aprender efetivamente a benzedeadas com uma senhora que também frequentava a casa espírita de seu pai.

Essa minha menina quase morreu por causa de negócio de quebrando a mais velha, ela chegou a virar o olho. Como diz o ditado. Ficou ruim mesmo. Essa menina devia ter o que... uns seis meses de idade. Meu marido só falou assim: ‘junta a roupa toda porque ela vai morrer, porque do jeito que ela está aqui...’ Ela deu convulsão de quebrando, porque o quebrando dela desceu pras tripas. Minha salvação é que tinha uma senhora na frente da casa e essa menina (vizinha) chegou uma menina, eu digo assim, da minha idade, ela chegou na época, há quarenta e poucos anos atrás. [...] ela era vizinha. Falou assim pra mim: eu vou te ensinar um negócio que eu vou passar pra você. Ela disse: ‘vem cá.’ No momento que você é convidado você não pode negar. Eu queria ver minha filha boa. Eu disse: ‘então me ensina como é que eu faço.’ Aí, ela me ensinou como eu fazia e falou assim: ‘a partir de hoje esse dom é seu.’ Eu falei: ‘porque o dom é meu?’ Ela falou assim: ‘porque eu estou passando o que era meu pra você. As palavras que teria que usar, o jeito que deveria fazer. E nunca mais ela (filha mais velha) teve, porque quando ela começava eu fazia o que ela (vizinha) mandava. E todos os filhos foram assim.

Marcam os rituais de iniciação dos terapeutas populares uma experiência de adoecimento com o próprio terapeuta, um familiar, ou vizinho, o que o leva a pôr em prática um ofício que esteve atento, observando ao longo de sua vida. Esses eventos são lidos como um “susto” ou “precisão”, que os iniciaram na arte do ofício. Fleischer (2008, p. 891) em seu estudo sobre parteiras em Melgaço, no Pará, afirma que as

mesmas denominam a iniciação a partir de um “parto no susto”, quando tiveram que realizar um parto inesperado de uma parenta ou vizinha. De acordo com Oliveira:

A iniciação da benzedeira é um processo aberto e individualizado, podendo estar condicionado às próprias alternativas concretas ligadas à sua vida, como, por exemplo, se carrega herança vocacional ou não, se já teve contato anterior com amigos que benziam e o modo como ela chega à instituição religiosa. (OLIVEIRA, 1979, p. 245)

Antes de passar por esse processo formativo, Dona Maria afirma que tinha muito medo. Mas, a inserção em contextos religiosos lhe retirou seus medos. Segundo Oliveira: “É nesse momento do processo de sua legitimação, onde testou a eficácia da sua benzeção junto aos seus filhos e sobrinhos, que a própria benzedeira começa a acreditar no seu poder de curar, reconhecendo-se preparada.” (OLIVEIRA, 1979 p. 257)

Depois que aprendeu a reza para quebranto que salvou sua filha, a senhora que a ensinou, disse ao pai de Dona Maria que, agora, ela já sabe benzer. O pai de Dona Maria era padrinho da senhora e após esse fato, ele riu e disse à Dona Maria que, agora, ela “pegou” uma responsabilidade. Algumas crianças apareciam para ela benzer e essas foram melhorando e, assim, a fama de Dona Maria foi crescendo. Nos termos de Oliveira:

Por mais genérica que possa parecer a trajetória de iniciação da benzedeira, ela possui uma estrutura muito peculiar quando comparada a outras profissões, porque a benzedeira é autônoma e atende nos limites da sua vivenda. Trata-se de um aprendizado lento e gradual, iniciando-se geralmente em contexto privado e possuindo uma duração que pode envolver, em alguns casos, dias, em outros, meses, anos. (OLIVEIRA, 1979 p. 247 e 248)

Já inserida no ofício, em 1971, Dona Maria morava em Taguatinga. Seu pai e o seu Centro Espírita foram transferidos para Ceilândia. Essa cidade foi inaugurada, de acordo com Dona Maria, através da Campanha de Erradicação de Invasões – CEI, com o objetivo de acomodar os moradores de invasões, chamadas de Vilas, encontradas em Brasília, a maioria composta trabalhadores da construção da capital e suas famílias, que não tinham para onde ir ou onde construir suas casas após o a construção da cidade. Além de não possuírem moradia, grande parte dessa população tinha uma baixa renda, pois muitos trabalhadores ficaram sem emprego após o período da construção. A Vila do IAPI, local em que o pai de Dona Maria vivia com sua família, foi uma das invasões erradicadas. Assim, ele mudou-se para Ceilândia, onde nesse período as condições de

vida e moradia eram precárias, tendo em vista que essas eram semelhantes às das Vilas.

No relato de Dona Maria:

[...] não, no Bandeirante ali depois daquela Vila do IAPI que eles tiraram na subida do Bandeirante que fizeram aquela limpeza [...] então jogou o pessoal tudo pra Ceilândia, né... muita gente veio de lá pra Ceilândia. Papai mesmo foi um desses que veio pra cá. [...] Nessa época quando eles vieram pra cá eu já era casada, minha mãe já era falecida sabe... “Eu fiquei lá em Taguatinga mesmo. Ele ficou viúvo e tudo da minha mãe e depois as minhas madrastas... Que eu tive duas madrastas, né? [...] Papai... já tem uns 20 e tantos anos que ele morreu, meu pai morreu com quase 60 anos. [...] Porque meu pai morreu com problema de chagas. [...] O pessoal da família do meu pai morre igual passarinho. [...] Ué, meu pai estava escovando os dentes aí caiu no chão e morreu. [...] Papai era um... Ele deixou assim os filhos muito apaixonados por ele. “Tião Calazans”. É... eu falo dele com muito orgulho. Papai era um... Ele deixou assim os filhos muito apaixonados por ele. “Então nosso sobrenome é Calazans”.

Marcam os primeiros anos de Dona Maria, em Brasília, a figura paterna, o grande Pai Santo que o pai foi e o seu Centro Espírita. Além disso, dos quinze aos trinta anos, Dona Maria foi se preparando, em meio à observação e treinamento dos seus sentidos e corpo, para ser uma terapeuta popular, uma benzedeira. Essa formação se dá quase de forma imperceptível para o terapeuta, ela vive sua vida e aprimora seu olhar, seu ouvir, o olfato, o tato, isto é, ouve cantos e rezas, observa gestos, sente o cheiro de plantas, observa procedimentos terapêuticos até chegar o momento quando ocorre o grande evento, quando devem atuar. Esses eventos marcam suas vidas e sempre é lembrado, conforme relatou anteriormente Dona Maria.

4.3 Trabalho no SESC: aprendizado, realização, confiança, independência

Nove anos após a criação de Ceilândia, Dona Maria mudou-se para lá com o marido e os filhos. Segundo Ela: “A minha filha mais velha que tem, hoje, 42 anos, quando eu vim pra cá (Ceilândia) ela tinha 10 aninhos.” Na construção da memória de Dona Maria, é interessante como as datas são marcadas por eventos vividos por ela ou por algum de seus familiares, os quais estão marcados no corpo, no ciclo da vida, nas enfermidades que acometem as pessoas. Assim, marca sua história de vida, a história corporal tanto dela quanto de parentes próximos.

Quando estava em Ceilândia, Dona Maria decidiu que iria trabalhar para ajudar a compor a renda familiar que, segundo ela, era baixa. Então, ela começou a trabalhar no Serviço Social do Comércio – SESC, de Taguatinga, na área da limpeza. A atitude de iniciar uma nova atividade e o período que trabalhou nessa empresa tem um

grande significado na vida dela. A partir desse emprego ela teve oportunidade de estabelecer relações não familiares, e principalmente de se reaproximar da leitura. Sobre esse período, Dona Maria relata:

[...] Se eu fosse esperar, na época meu marido ganhava muito pouco. Eu falei: ‘eu vou enfrentar né?’. Contra o gosto dele. Porque pra ele eu tinha ficado dentro de casa. Falei: ‘eu não vou ficar dentro de casa não’. Chamei uma senhora para olhar pra mim a minha filha. E caí no mundo, fui trabalhar. E, graças a Deus, Deus foi muito bom pra mim. Muito bom mesmo! Sabe? (Assim fui trabalhar) no SESC, aquele ali da comercial. Trabalhei ali 17 anos, quase 18 anos eu trabalhei ali. Eu comecei na limpeza. Da limpeza eu fui pra administração, me tiraram assim do cabo da vassoura e me deram uma caneta na mão. Por onde eu ia havia a direção só de Deus mais nada. Não sabia, não estava preparada para nada. Porque pegar assim o funcionário e botar lá, né? Aí, você tinha que se virar, ali eu aprendi, fiquei 17 anos. Lia revista. Eu não tinha oportunidade de ler livro, né? Eu vim ter mesmo (no SESC), foi o mesmo que você ‘jogasse pinto no lixo’, foi quando eu fui para a biblioteca do SESC trabalhar. Ii!! Aí eu vou te falar, a hora passava assim (rápido) quando você está lendo, se é uma história que te interessa você, o tempo passa depressa, né? Quando tinha alguém, algum estudante para mim, eu atendia tudo direitinho com meus deveres, mas ali na minha mesa eu ficava lendo. Assim que eu fazia. Ah lia... As meninas lá da biblioteca falavam: ‘você vai ler ate propaganda?’ Aí eu falei: ‘tudo!’ aí você fica, até pouco tempo, para eu poder desacostumar da biblioteca, você acredita que eu assinava o (jornal) Correio Braziliense? Só por assinar e poucas coisas eu lia.

A leitura marca a vida de Dona Maria e sofre um impacto em seu processo de envelhecimento, uma das grandes perdas de Dona Maria nesse processo foi o problemas na visão. Por isso, em sua memória os livros tornam-se elementos selecionados para reconstituir sua vida. Os jornais não eram lidos porque ela começou a sofrer com a catarata, quando uma das vistas “bagunçou tudo”.

Os problemas começaram após esse período em que trabalhou no SESC, quando Dona Maria começou a apresentar sintomas da catarata, o que interferiu de forma significativa em sua vida, fazendo com que as atividades diárias ficassem mais difíceis de serem realizadas. Uma delas foi a leitura, conforme foi discutido anteriormente. Assim, começou a apresentar dificuldade para ler em momentos de lazer e, também, no momento da benzeção, tendo em vista que a leitura da bíblia constitui parte do ritual realizado por ela. Mais adiante será discutido o impacto desse processo de envelhecimento em Dona Maria. No período em que ela trabalhou fora de casa, ela continuou benzendo. Mas, agora, não benzia mais somente seus filhos. Ela começou benzendo seus filhos em casa e a partir do momento que sentiu segurança e percebeu a

necessidade que amigos e vizinhos tinham de serem benzidos, ela começou a benzer pessoas da vizinhança e de comunidades próximas, ampliando assim sua clientela e legitimando-se cada vez mais como uma agente promotora de saúde que também alivia males espirituais. Segundo seu relato:

[...] benzendo a minha filha. Aí, quando eu vi filho de vizinho ficar daquele jeito eu ficava preocupada, pra mim o menino ia morrer também igual minha filha deu convulsão. Aí eu ia, fazia e aí pronto, tomaram conta. Aqui nessa rua mesmo, a rua inteira. Pode ninguém conhecer Maria, mas Dona Maria todo mundo conhece. “É a dona que benze ali” (risos).

Até hoje, Dona Maria sofre com a catarata, ela está aguardando para operar. Sente muito, pois ela gosta muito de ler e, em alguns momentos, a vista “embarça”. Ela afirma que se trata somente de catarata e agradece a Deus por isso. Suas práticas de benzeção, também, foram afetadas com o problema da catarata. Apesar dessa dificuldade, o processo de envelhecimento é entendido por Dona Maria como contendo mais ganhos do que perdas, conforme veremos adiante.

5 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO NA PERSPECTIVA DE UMA BENZEDEIRA

A velhice se apresenta para Dona Maria nas formas das aposentarias dela e a do marido e ela segue a vida “de vento em popa”, o que lhe dá segurança. Dona Maria avalia que na velhice deve-se viver bem, com tranquilidade: “[...] a gente tem que ter tudo enquanto a gente é velho. Porque depois dos 50, 60 anos, a gente não [...] as pernas já não querem obedecer e pesa demais, aí o trem fica feio”. A inserção em um contexto religioso permite uma avaliação específica da velhice e da morte, que são fases da vida vistas por Dona Maria com mais tranquilidade e como parte do ciclo inevitável da vida:

Deus tome conta, seu eu tiver uma doença e Deus quiser me levar. No momento que eu entrei no mundo, eu entrei numa hora e vou ter que sair em outra. Quando chegar o dia de eu ir embora eu vou ter que ir. Chegou a hora, cumpri minha missão. Aí, eu não esquento a cabeça com isso não. Não fico bitolada com isso [...] Mas é, é como diz o ditado, a gente leva dessa vida, meu filho, o que come o que bebe e a fé em Deus.

Como foi dito anteriormente, Dona Maria vê limitações físicas como a da visão enquanto uma perda, mas não se insere em uma lógica de resgate da juventude como muitos idosos vivem e de valorização dessa fase da vida. Pelo contrário, Dona Maria incorpora de maneira tranquila o envelhecer. De acordo com Bosi:

A velhice, que é fator natural como a cor da pele, é tomada preconceituosamente pelo outro. Há, no transcorrer da vida, momentos de crise de identificação: na adolescência também nossa imagem se quebra, mas o adolescente vive um período de transição, não de declínio. O velho sente-se um indivíduo diminuído que luta para continuar sendo um homem. O coeficiente de adversidade das coisas cresce: as escadas ficam mais duras de subir, as distâncias mais longas de percorrer, as ruas mais perigosas de atravessar, os pacotes mais pesados de carregar. O mundo fica eriçado de ameaças e ciladas. Uma falha, uma pequena distração são severamente castigadas. (BOSI, 1994, p. 79)

Dona Maria afirma que é diabética e toma medicamentos para controlar a pressão. De acordo com ela, isso faz parte da velhice: “Então, no meu histórico, sou diabética, e tomo remédio pra pressão. Essas coisas então [...] vai chegando a idade e os médicos já vão... como e que fala... prevenindo pra você não sofrer um infarto ou alguma coisa assim.” Mas, ela não sente um julgamento negativo nos olhares de outros sobre o envelhecimento, pelo contrário, o ofício da benzeção está acompanhado do

respeito dos outros, tendo em vista que este saber/fazer é tanto mais valorizado quanto mais idosa for a pessoa.

Além das dificuldades que as limitações da velhice impõem para realizar as atividades básicas do dia-a-dia, a prática do benzimento e a transmissão desse saber também ficam comprometidos. Pois, sem a visão, por exemplo, Dona Maria não consegue ler a bíblia com clareza, procedimento esse que faz parte do seu ritual de bênção. No entanto, nas falas de Dona Maria, essas limitações são menores diante do envelhecimento que se encontra, conforme ela avaliou anteriormente, esta fase do ciclo de sua vida é plena e tranquila. Com relação à transmissão de conhecimento e vivência de seu ofício, essa postura de Dona Maria se contrapõe ao encontrado por Bosi em uma pesquisa com idosos de São Paulo na década de 70: “É a impotência de transmitir a experiência, quando os meios de comunicação com o mundo falham. Ele não pode mais ensinar aquilo que sabe e que custou uma vida toda para aprender.” (BOSI 1994, p. 79)

Dona Maria apresenta ainda projetos para sua vida, como a ideia que o filho lhe deu de cursar teologia, mas que ela titubeia por causa da catarata. No entanto, cabe enfatizar que sobressai nessa reflexão sobre projetos futuros o fato de ela ter pensado na possibilidade e ainda planejar em fazer o curso. Outro ponto positivo apresentado por Dona Maria sobre o envelhecimento é a rede de sociabilidade não familiar onde se insere e maneira como todos os idosos, amigos de Dona Maria, vivem o envelhecimento. A maioria dos vizinhos mudou-se para Ceilândia na mesma época em que ela. Assim, atualmente, são pessoas idosas como ela, aposentadas, mas que não pararam de trabalhar. Ainda se dedicam, como ela, ao trabalho informal, seja ele doméstico ou de prestação de serviços externos. Dona Maria e seus vizinhos não se percebem como inativos, mesmo com todas as limitações que a velhice pode lhes apresentar. De acordo com Dona Maria:

É porque o seu Heleno ele mexe com chácara. Ele e aposentado, mas continua trabalhando. Entendeu? A Lindalva é do lar. A Dona Alzira também e do lar. E a outra ali é viúva também. Então ela ocupa o tempo dela cuidando assim... Trabalhando na igreja, né. [...] E por aí as pessoas... Hoje em dia, se você não procurar o que fazer, você acaba se atrofiando, fica tudo doente aí dentro de casa. Pensa que não você morre, né? Por quê? Falta de atividade, de exercício. [...] Na minha época eu não ouvia dizer que os idosos tinham tanto valor igual hoje. Tão priorizando mais o pessoal da terceira idade, né? Você vê que o pessoal da terceira idade está voltando a trabalhar. No comércio, você vê que muita gente tá preferindo contratar os antigos do que, hoje, os novatos, porque o antigo tem mais responsabilidade, mais vivência e mais sabedoria. Mas eu já falei que eu não quero voltar a

trabalhar. Quero agora é passear! passear não é bom? É bom! Tá doido! “[...] Oh, minha filha, não fala não, to doida pra ficar boa, sabe por que? To doida pra fazer dança de salão [...] tem baile, o baile da terceira idade do SESC.

De acordo com Dona Maria, há um conjunto de iniciativas que devem ser tomadas visando à ação sobre o corpo e que revelam uma dimensão simbólica de interpretação dos sinais do corpo. Desse modo, o corpo envelhecido, que pode ser atrofiado, deve-se manter em movimento, em um ritmo de trabalho ou de lazer. A imposição de velhice por olhares externos e estereotipados sobre a mesma deve ser negado, conforme afirma Dona Maria: “Não... esses negócios de velho eu não gosto não. Eu estou velha, mas não gosto de coisa de velho. Não gosto mesmo! Não gosto de jeito nenhum!”

Sobre o uso de medicamentos, suas práticas e observações como terapeuta popular levaram-na a reverter o excesso de uso dos mesmos. Desse modo, com o aparecimento de novas limitações físicas ao longo do tempo, Dona Maria aprendeu a lidar com elas. Faz uso de medicamentos, mas por outro lado procura alternativas para substituí-los. Encontrou nas ervas e na fé, uma forma de cura para seus próprios males:

Sofri muito com a tal de coluna quando eu não sabia pedir a Deus, mas agora que eu sei pedir a Deus não preciso de remédio não. [...] Benzer é uma coisa e você tomar erva para algum sintoma é outra. Eu acho que tinha diabetes, porque de tanto pedir a Deus eu não tenho mais diabetes em mim, não sinto mais. E você sabe que a babosa ela cura ate câncer, né? Eu fiquei sabendo, li outro dia que ela cura ate câncer. E eu não quero nem saber, foi bom eu bebo tudo. (risos) tem dia que eu faço umas garrafadas doidas aqui pra mim e bebo.

Em suma, apesar das limitações que o processo de envelhecimento provoca, ele também traz consigo, a possibilidade de passar por diversas situações e assim adquirir experiências e formar novos valores. Ao longo do relato de Dona Maria sobre sua biografia, fica cada vez mais claro que ela não tem uma concepção do idoso como a retratada na obra de Bosi, segundo a qual:

[...] a sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reprodutor. [...] O velho não participa da produção, não faz nada: deve ser tutelado como um menor. (BOSI, 1994, pp. 77-78)

Observa-se que Dona Maria, por outro lado, tem uma visão otimista do papel do idoso na sociedade atual. E o envelhecimento como benzedeira lhe traz

grandes possibilidades de autocuidado, de conhecimento sobre os ciclos da vida e de compreensão sobre a relação entre o biológico e outras dimensões da vida.

6 TRAJETÓRIA INDIVIDUALIZADA COMO BENZEDEIRA EM UM CONTEXTO DE SINCRETISMO RELIGIOSO

Apesar da forte presença do “espiritismo”, ou melhor, da umbanda em sua vida, Dona Maria foi católica até 2010, quando se converteu à religião evangélica por meio de um batismo em sua igreja atual. Assim, o sincretismo religioso sempre esteve presente em sua trajetória: “Hoje eu tenho um filho que faz quatro anos que ele é pastor evangélico. (...) Outro filho é católico, católico que não tem por onde.” Além dos filhos, Dona Maria tem guardada a história do seu pai.

Ela relata que a partir da sua conversão religiosa, ocorreu em sua vida uma ressignificação de valores, como também adaptações no seu ritual de benzimento:

Então por isso que eu te digo. Hoje eu vejo que ele (genro) tinha razão. Você chega na igreja católica eles não mandam você... (ler), vamos abrir a bíblia. Você chega na igreja evangélica o pastor fala: abre em João cap. 10 versículo tal. Vamos rezar, vamos ler. Depois o que acontece, ele vai te explicando o que é que foi que você leu o que Deus quis dizer pra você naquilo ali. E hoje eu digo obrigada meu Deus por ter me arrebatado por ter me chamado.

As mudanças na prática de benzeção estão na incorporação de técnicas específicas de cada religião que vivencia. Assim, ao lado do uso do ramo verde do catolicismo popular usado para benzer está o óleo usado para ungir no protestantismo:

Eu benzia com um ramo verde igual eu faço hoje, mas não tinha a unção de falar assim, esse óleo que eu estou te ungindo (você pode dizer q esse óleo não é nada, mas é sim) porque você está com a luz do divino espírito santo em você. Você está tocado pelo divino espírito santo. Mesmo que as pessoas querem e até olham para você com o olho ruim, eles não te enxergam.

A prática do benzimento como forma de promoção da saúde e alívio dos males físicos e espirituais acompanhou toda a trajetória de vida de Dona Maria. Desde criança ela foi levada, por seus pais, a terapeutas populares tradicionais. O contato com essa prática atravessou sua adolescência e vida adulta por meio de observações de rituais no Centro Espírita do seu pai e nos atendimentos ao público realizados por sua madrinha e vizinha que morava em Taguatinga. Assim, inserida em contextos religiosos diversos de cura, Dona Maria aprimorou suas técnicas e construiu uma prática ritual de cura sincrética. De acordo com Rabelo (1994), as religiões constroem distintos projetos de cura. Os rituais desmontam determinado cenário e constroem outros e mostram como sistemas religiosos diversos são transformados em imagens e práticas que possibilitem

uma resignificação da experiência do doente. Ainda segundo Rabelo (*op. cit.*), a cura religiosa deve ser analisada tendo como pano de fundo a visão de mundo de cada sistema religioso. No caso de Dona Maria, é importante observar a efetivação do sincretismo religioso, a troca e inclusão de práticas e técnicas diversas em seus rituais.

Perpassa todo o seu discurso sobre a benção tal sincretismo religioso, assim:

Benzer é orar, com os poderes de Deus, que entrega as pessoas, você entendeu? É que nem eu te falei àquela hora, o benzer, é orar, é rezar, é a mesma coisa, quando se diz Deus te abençoa, é Deus quem te guarda, eu já estou te benzendo, já estou orando por você, estou te entregando a Deus, não sou eu, é Deus, eu uso o nome de Deus, porque ele é quem toma conta da gente. (...) Eu faço é assim. Porque o benzer, o orar, e o rezar são a mesma coisa, tudo é em nome de Deus, porque só ele é por nós, mais ninguém.

Os terapeutas populares, especialmente, as benzedoras afirmam que elas detêm um dom divino que não deve ser impedido de ser acionado. Mesmo com toda história de formação de Dona Maria e de sua vinculação com vários terapeutas, ela afirma que a fé é a principal fonte de sabedoria e domínio de técnicas. No tempo do seu pai, Dona Maria observou que seu pai vivenciava a manifestação de espíritos. Antes como católica, ela contava com o “dom de Deus” para atuar; hoje, como evangélica, ela conta com a “intercessão” do Espírito Santo:

Tem um ramo que ninguém da nada por ele, um tal de levante. Ele parece muito com hortelã, não sei se você conhece ele. É uma folha cheirosa. Ninguém da nada por esse levante. Você quer ver uma pessoa ficar... é você fazer um chazinho daquele levante. Ainda mais a pessoa que nem a minha filha ficou quase desmaiada com esse quebranto nas tripas que eu fui dando eu mais o pai dela foi que ela reestabeleceu. Ele corta qualquer coisa assim, espiritual. Ela me deu o ramo pra eu poder fazer o chá pra menina. Porque cada um tem um jeito, você pode ir em uma outra pessoa que ela te explica de outro jeito. Cada um tem a sua fé, cada um tem seu jeito de conversar com Deus, falar com Deus.

Nos termos de Dona Maria, a prática da benção é aberta e aceita outras sem conflito, o trânsito por vários terapeutas parecer fazer parte da terapêutica:

[...] Foi um benzimento espiritual sabe? Não foi nada de centro, nada... só pertence de nos com Deus, de Deus com a gente. Um pai nosso que você reza você esta comunicando [...] Quando voltou, conforme o quebranto... porque o quebranto quando ele é muito forte, pai e mãe tem que levar em três benzedoras sem nenhuma saber da outra. Ainda tem isso também. Eu oro de um jeito, a outra reza de um jeito, e a outra benze de outro jeito, entendeu? Então são aquelas três

ali nenhuma pode saber da outra. Foi o que aconteceu depois que ela passou pra mim o que que era isso. E graças a Deus ela nunca mais deu essa convulsão que ela deu.

A legitimação de sua prática de benzedeira se dá quando se insere em uma rede de sociabilidade construída ao longo do tempo, com a velhice essa prática se torna cada vez mais bem vista. O ofício da benzeção se aprimora com o envelhecimento, as pessoas avaliam que a reza se torna mais forte com o tempo. Dona Maria analisa que quando as pessoas mais jovens não se lembram de Deus, não há um compromisso com o divino. Hoje, ela afirma ter esse compromisso mais do que tudo em sua vida.

Nos termos de Oliveira:

Após terem testado seu dom junto a pessoas da família as benzedoiras podem estender sua atuação a outras pessoas. [...] Na medida em que elas próprias começam a acreditar no seu benzimento e fala sobre ele com outras pessoas, tornam-se conhecidas e procuradas pelos vizinhos, conhecido e amigos, abrindo à comunidade uma prática originalmente intramuros. Com o tempo ela começa a oferecer à comunidade provas convincentes e infundáveis de que o manancial do seu conhecimento pertence ao domínio da experiência sagrada, inacessível aos leigos. (OLIVEIRA, 1979, p. 258)

Ela começou benzendo seus filhos em casa e, a partir do momento que sentiu segurança e percebeu a necessidade que amigos e vizinhos tinham de ser bentos, ela começou a benzer pessoas da vizinhança e de comunidades próximas, ampliando assim sua clientela e legitimando-se cada vez mais como uma agente promotora de saúde que também alivia males espirituais. De acordo com Dona Maria: “[...] Porque muita gente falava assim: ‘Dona Maria, a senhora benze?’ Porque muitas vezes eu pegava assim e benzia as meninas. Tinha um menino mesmo que mora, hoje, em Salvador, que estava doido... ele ficava verde, de tanto quebranto que pegava ele, ficava amarelinho vomitando.” Nessa rede de vizinhança, Dona Maria foi criando e aprimorando seu saber/fazer, o qual é um dom divino que não poderia ser negado a ninguém. Segundo Oliveira:

No espaço das suas relações mais imediatas, entre amigos, vizinhos, parentes e agentes populares de cura, ocorre a produção e a circulação das ideias que exprimem um saber construído como uma estratégia doméstica às doenças, tragédias e infortúnios que ocorrem no próprio cotidiano. (OLIVEIRA, 1979, p. 252)

Dona Maria revela com alegria seu reconhecimento: “Era só nascer menino aqui na rua que, filha. Tinha gente que já tinha tanta confiança, que tinha criança que

falava assim: ‘Mãe me leva na Dona Maria porque eu estou passando mal’. O Caio falava assim: ‘É melhor eu ir lá na Dona Maria porque eu tô passando mal. Eu quero benzer’. A avó dele conta isso e você morre de rir.” Apesar de ter diminuído a quantidade de pessoas que procuram por Dona Maria para se benzer, ela ainda é procurada, principalmente, para benzer crianças.

Sobre a transmissão do seu ofício, Dona Maria afirma que pretende passar para outras pessoas o conhecimento que tem sobre benzeção, ou seja, seu legado, mas atualmente não encontra pessoas mais jovens que se interessem pelo ritual ou que estejam dispostas a se doarem e se envolverem de maneira tão íntima com Deus. Avalia que uma pessoa se sente preparada para aprender quando vive um “desespero em sua vida”:

Muitas vezes você nota que a pessoa tem interesse. No desespero se sente interessado. Eu mesmo quando eu me vi desesperada eu queria aprender pra eu livrar minha filha daquilo. Foi onde ela pensou: ‘Bom essa aqui está desesperada e eu vou passar pra ela’. Foi isso. E eu também tive muito aprendizado com meu pai, porque eu vi meu pai fazer.

Sobre a falta de interesse das pessoas, ela diz:

Hoje eu não sei o que acontece que o pessoal não procura. Porque eu acho que não tem mais fé. Eu não sei como é que é. Porque quando você achar uma pessoa, você dá graças a Deus. Hoje têm pessoas que não querem mais ter o trabalho de orar e benzer as pessoas (...) Os jovens de hoje não se interessam por isso não, entendeu? Eu posso até um dia passar para um filho meu. Hoje, tem um que é pastor evangélico, se eu for ensinar pra ele você sabe que eles assim, eles não... eles querem ir mais fundo, direto a Deus. Se eu passar pra uma filha a mesma coisa. Eu posso passar um dia pra um neto, ou uma neta. Amanhã eu posso passar esse legado pra eles, porque são um mais curioso que o outro.

Há alguns segredos nesse ofício que ocorrem no encontro intenso com o divino, nem tudo pode ser dito em voz alta, deve ser sussurrado. Esses segredos são revelados na transmissão, semelhante ao que aconteceu com quando aprendeu a benzer o quebranto da filha.

De acordo com Oliveira, “quando uma benzedeira opta por frequentar uma das formas religiosas, essa opção não é simplesmente uma escolha arbitrária. Ela é condicionada socialmente e, ao mesmo tempo, é uma reconquista da capacidade de recriar a religião.” (OLIVEIRA, 1979, p. 243). No caso da benzedeira em questão, ela

foi influenciada, no final de sua vida, por seu filho e pelo seu genro, que são pastores evangélicos.

Dona Maria conta que ocorreram muitas mudanças em sua vida após ela se converter à religião evangélica. Mudanças de valores e concepção de vida como também no ritual de benzimento e nomenclaturas utilizadas. A partir do momento que foi batizada nessa igreja que frequenta atualmente, há dois anos, ela trocou o termo benzer por orar, inseriu o óleo ungido e a leitura da Bíblia no ritual. No relato a seguir, ela avalia sua transição por contextos diversos, relacionando com seu processo de envelhecimento:

Mudou tudo pra melhor, minha situação financeira, que eu não sabia, você sabe que nada disso aqui é nosso, essa aqui é minha casa? não! Essa casa é de Deus. Estou aqui, enquanto eu morar aqui ela é minha, mas essa casa é de Deus, quando eu partir eu não vou levar nada disso aqui, né? Então tudo na vida da gente, eu aprendi muito com evangélicos, nada disso é meu, nem isso aqui é meu, tá aqui só emprestado o meu corpo, porque depois que eu deitar acaba, o que sobrar vai ser dividido pros outros, vai dar confusão né? Uns não querem que doe, mas tudo o que é meu pode doar tudo, eu quero que tudo o que é meu doa, dá pros outros, dá pras pessoas que mais precisar, porque isso aqui, depois que a gente desencarna isso é uma matéria que depois que o espírito sai acabou.

Nesse novo contexto, alguns elementos novos surgiram, de acordo com Dona Maria, antes ela se referia a sua prática como “benzer”; “[...] hoje, eu falo ‘orar’, porque hoje meu método não é só a gente balbuciar o que sabe a gente tem que recorrer à bíblia.” Ela lê a bíblia ou cita no momento ritual da benzeção. Outra mudança foi sua atuação na igreja, ela relata que a pastora da sua igreja sabe que ela ora em outras pessoas. Porém, explica que quando pratica o ato de orar em sua igreja, lá não é reconhecida como uma terapeuta autônoma, promotora de alívio ou cura. Ela realiza as bênçãos em correntes de oração coordenadas pelos líderes religiosos da sua igreja. Dona Maria é chamada para ir à igreja quando são demandadas correntes de oração. Essas correntes dependem das pessoas que a estão recebendo, “se for uma criança ou adolescente é mais simples, mas se for para um adulto é mais complicado porque você não sabe o que a pessoa está carregando com ela invisivelmente.”

Apesar de não divulgar seu ofício de benzedeira na igreja e de não ser reconhecida como tal por essa instituição, ela atende as pessoas que a procuram em sua casa, em busca de alívio para males físicos e espirituais, e nesse momento tem autonomia para realizar o ritual de bênção à sua maneira. O comportamento observado

por Oliveira em seu estudo com benzedeadas corrobora essa relação de assumir o papel de membro na instituição religiosa e de terapeuta popular no ambiente doméstico:

O caráter da procura às instituições e pessoas vai determinar, em parte, o tipo de vínculo que ela manterá com a instituição (se fiel, membro, médium, frequentador, assistente).” [...] E, sem contradições ou ambiguidades pode conviver com essas práticas nesse espaço de produção criativo, onde os místicos do sagrado e as astúcias do profano são permanentemente reinventados. (OLIVEIRA, 1979, p. 245)

Dentro desse universo, as benzedeadas conformam uma vertente atuante e em processo de recriação contínuo. Conforme Menéndez (1994), esses terapeutas encontram-se em um campo relacional, onde vivem e trocam experiências e informações. As práticas terapêuticas das benzedeadas normalmente apoiam-se sobre determinadas religiões, acompanhando as transformações dessas. Entretanto, nota-se também o quanto essas pessoas atuam sobre um sincretismo religioso, trocando informações com novos movimentos religiosos e uma mídia cada vez mais atuante nas religiões. Portanto, é possível inferir o quanto cada terapeuta tem uma forma particular de benzer. De acordo com Cavalcante (2009), o ofício da benzeção é um dos momentos em que a benzedeadas propõe uma releitura da religião e da medicina. Justificando, portanto, a adoção de práticas tão próprias. Dona Maria reconhece essa possibilidade de um conhecimento coletivo, produzido, e aprofundado a partir de trocas constantes, ser individualizado, ter a expressão própria de cada terapeuta:

Sim, mudou (a prática da benzeção). Porque no momento eu não tinha o óleo santo e hoje eu tenho o óleo santo que eu trago da igreja, eu ganho o óleo unguento. Um óleo que a minha pastora [...] a minha pastora ela vai ao monte, paga o preço de levantar nas madrugadas de ir ao monte orar. [...] Um monte aqui perto da coca cola. Quer ver, ela paga um preço alto pelos seus fiéis [...] Agora eu uso o óleo unguento também e digo orar. [...] Eu digo orar porque a palavra certa é orar. Porque Jesus dizia vamos orar e não rezar. Então orar é a palavra certa de Deus.

Há um elemento de idiossincrasia que a permite exercer seu ofício sem se ver “presa” a determinada instituição religiosa que pode não aceitar sua prática. Nessas situações, percebe-se como se operacionaliza a liberdade e criatividade de leitura e reinterpretação de significados e práticas. Assim, é possível, por um lado, observar as pessoas se reinventarem como benzedeadas e, por outro lado, as pessoas ressignificarem práticas religiosas como fazem as pessoas que buscam as benzedeadas. Nesse contexto, as doenças são reinterpretadas e delineadas assim como as técnicas terapêuticas. É

interessante observar nesses ritos terapêuticos dentro de sistemas religiosos diversos que se encontram em uma terapeuta, o uso de elementos diversos, a busca por técnicas terapêuticas em um amplo universo, fazendo do ritual da cura um momento sincrético. Isso demonstra que a ideia de sistemas religiosos cristalizados, fechados sobre si mesmo como mônadas, não se efetiva, mas sim sujeitos e ideias transitando, dinamizando-se em um campo relacional, nos termos de Menéndez (1994).

7 O RITUAL DA BENZEÇÃO

A prática de Dona Maria está pautada em muita fé que deve ser sentida e não somente vista, observada e analisada. Essa mesma fé é que cura:

A fé é que cura, porque se eu estou te benzendo eu estou usando o nome de Deus, não sou eu. E se você foi curado, se você foi liberto de alguma coisa o que você diz? Quem te libertou foi Dona Maria? Não, quem te libertou foi Deus! Por causa da tua fé! Deus te libertou, não fui eu. Padre não liberta, pastor não liberta, pai de santo não liberta, ninguém liberta, só Deus! Quem te liberta é Deus. No momento que você libera seu coração pra Deus, ele ta ali e te liberta de muitas coisas.

Essa fé segue novos contornos de acordo com o contexto religioso onde Dona Maria se encontra:

E o caso é como diz o ditado: ‘é ter primeiramente a fé em Deus’. Eu aprendi isso. E agora, porque eu frequentei a igreja católica e a igreja católica não tinha. Toda vez meu genro (evangélico) debateu aqui comigo, ela dizia, para pegar o folheto da igreja, eu ficava numa raiva, ele não conhece nada dessa igreja. Hoje eu vejo que ele tinha razão. Você chega na igreja católica eles não mandam você abrir a bíblia. Eu não sou contra, eu amo a igreja católica sabe, mas você vai aprendendo porque tudo você tem que ir na palavra. Então por isso que eu te digo. Hoje eu vejo que ele tinha razão. Você chega na igreja católica eles não mandam você abrir a bíblia. Você chega na igreja evangélica o pastor fala: abre em João cap. 10 versículo tal. Vamos rezar, vamos ler. Depois o que acontece, ele vai te explicando o que é que foi que você leu o que Deus quis dizer pra você naquilo ali. E hoje eu digo obrigada meu Deus por ter me arrebatado por ter me chamado. Hoje eu tenho um filho que faz quatro anos que ele é pastor evangélico [...]. Outro filho é de Salvador, esse é católico, católico que não tem por onde. [...] Meu pai era congregado mariano e depois que ele passou para ser pai de santo, né!? A vida dele mudou de um tanto assim sabe, ao invés da gente adiantar, a gente atrasou sabe? Porque não foi um ano nem dois que nos seguimos o espiritismo. Não vou dizer assim, quem sou eu aqui pra julgar, Deus é quem julga né? Mas eu vi assim o que estava acontecendo. Porque quando nos vivíamos assim no negócio do espiritismo nos não tínhamos nem uma casa pra morar, sabe? O espiritismo ele te atrasa muito a sua vida ele mexe muito com o que não deve mexer aquela obras de satã. Então eu digo com toda sinceridade.

Dona Maria relata que no ritual de benzeção não é ela quem realiza a cura ou reestabelecimento do equilíbrio espiritual, quem realiza é Deus, por intermédio dela e da fé de quem está ali em busca de ajuda. Ela relata ainda que quem “liberta” as pessoas de qualquer mal, seja ele físico ou espiritual é Deus, e não os líderes religiosos, independente da religião que ele professe. No momento da benção, de acordo com Dona

Maria: “a gente sente assim, um arrepio no corpo, ou você sente assim parece que seu coração ta abrindo, você não sabe explicar o que é”.

Foi possível observar um ritual de bênção realizado por Dona Maria, o mesmo aconteceu na cozinha da sua casa. Aliás, todos os rituais observados aconteceram na cozinha da casa. Em todas as oportunidades, não havia ninguém no local, além das pessoas a serem benzidas e da Dona Maria. Durante a maior parte do tempo, ficamos sentadas à mesa da cozinha conversando sobre sua trajetória de vida. No momento da benzeção todos ficam de pé ao lado dessa mesa, localizada em uma das extremidades da cozinha. Dona Maria inicia os preparativos: “Então, deixa eu pegar minha bíblia aqui e um óleo ungido”. Esse óleo vem das mãos da pastora do monte onde ela ora. Dona Maria afirma que sempre tem o óleo em sua casa, que é a sua defesa, quando ela vai sair de casa, está com medo de sair, ela se unge com o óleo e recita: “Senhor guarde a mim”.

Ela vai até o quarto dela e busca o óleo, a bíblia e depois segue até a área de serviço e pega um ramo de planta. De acordo com Dona Maria:

[...] Uma plantinha se sabe que quando Jesus entrou na cidade foi no domingo de ramos né. O ramo significa a gente, a gente é ao passar aquele ramo você está pedindo a Deus por toda uma pessoa né. No momento que você apresenta um, você está pedindo pela vida da pessoa, porque o mato é uma vida né.”

Ela abre a bíblia em uma passagem e começa a ler com alguma dificuldade por causa da catarata:

[...] Então, o profeta Eliseu chamou um dos filhos dos profetas e lhe disse: Cinge os teus lombos; e toma este vaso de azeite na tua mão, e vai a Ramo te de Gileade; E, chegando lá, vê onde está Jaú, filho de Josafá, filho de Ninsi. Os nomes de antigamente era engraçado né. Aí, aqui no versículo 7 ele disse: E ferirá a casa de Acabe, teu senhor, para que eu vingue o sangue de meus servos, os profetas, e o sangue de todos os servos do senhor, da mão de Jezabel, quer dizer, ele foi, Jesus pediu que livrasse e ungesse todos com o seu óleo, né e livrasse todos da mão de Jezabel. Jezabel quem era, era gente ruim né, então pedia...

Em seguida leu o trecho: Segundo Reis, capítulo nove, versículo 7 e o versículo 1. Relata ainda que gosta muito de ler o Salmo 91. Em seguida, Dona Maria pede para todos ficarem de pé para ouvirem a palavra do senhor. E começa a orar:

Senhor meu Deus meu pai, estamos aqui na sua presença para agradecer por tudo na minha vida, pelos meus filhos, meus netos,

meus genros, minha noras, abençoe senhor, minha casa, meus filhos, abençoe a mim, a minha vida, minha saúde senhor, dai-me saúde e prosperidade, todos possam ouvir a sua palavra senhor, que o senhor nos defenda, olhe por eles, que nem (cita o nome da pessoa), senhor, esses seus servos que te pedem proteção e prosperidade, material, espiritual, todo campo físico, senhor, guarde seus filhos, livres de todo mal, de todos malfazejos, assaltantes, de tudo senhor, eu não sei como te pedir senhor, mas tu sabes das necessidades deles, tu sabes senhor do que eles mais precisam nos guarde e nos livre de todo mal e dê a todos nos uma boa tarde senhor, em teu nome de peço senhor, os guarde de todo mal em minha casa, que assim seja amém. Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará. Direi do senhor: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e nele confiarei. Porque ele os livrará do laço do passarinho, e da peste perniciososa. Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das suas asas te confiarás; a sua verdade será o teu escudo e broquel. Não terás medo do terror de noite nem da seta que voa de dia, nem da peste que anda na escuridão, nem da mortandade que assola ao meio-dia. Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas não chegará a você, somente com os teus olhos contemplarás, e verás a recompensa dos ímpios. Porque tu, ó senhor, és o nosso refúgio. No Altíssimo fizeste a tua habitação. Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda. Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão em suas mãos, para que não tropeces com o teu pé em pedra. Pisarás o leão e a cobra; calcarás aos pés o filho do leão e a serpente. Porquanto tão encarecidamente me amou, também eu o livrarei; pô-lo-ei em retiro alto, porque conheceu o meu nome... Isso é Jesus pedindo a vocês... Porquanto tão encarecidamente me amou, também eu o livrarei; pô-lo-ei em retiro alto, porque conheceu o meu nome. Ele me invocará, e eu lhe responderei; estarei com ele na angústia; dela o retirarei, e o glorificarei. Fartá-lo-ei com lonjura de dias, e lhe mostrarei a minha salvação. Amém.

Dona Maria pede para que cada pessoa se dirija a ela, individualmente, em pé na sua frente. Passa um pouco do óleo em nossas testas e proclama uma oração: “Deus amado e querido cuide dessa sua filha, na tua presença pedindo a sua paz, guarde e livre de todo mal, não deixe que nada atrapalhe sua vida, material e espiritual” e reza o Pai Nosso. Essa cena do ritual foi repetida individualmente para todas as pessoas presentes, mas com algumas alterações no texto pronunciado.

Em outra oportunidade fui benzida por Dona Maria, mas o benzimento foi diferente do realizado na primeira vez, não houve utilização de folhas, somente do óleo e da bíblia, onde leu o Salmo 91. Nessa ocasião, ela orou por uma das pessoas presentes, passou óleo distribuído pela igreja em suas mãos e segurou a mão direita dessa pessoa enquanto recitava o Salmo 91. Depois segurou as duas mãos e rezou o “Pai Nosso” com algumas alterações. O processo foi repetido quando ela orou por mim, mas

novamente o texto foi um pouco diferente. Ao final rezou o “Pai Nosso” com algumas alterações. Nessa oportunidade, ela estava sentindo arrepios, disse que o espiritual estava forte e que era a fé.

Os rituais de benzimento de Dona Maria estão voltados para a cura de processo saúde-adoecimento específicos. Acredita nas orações e no poder das plantas e associa essas duas terapêuticas em sua vida, assim, a oração potencializa os efeitos das ervas:

Eu ainda sou do tempo que eu acredito muito nas ervas, no chá de mato, você entendeu? Eu acho que é por isto que ninguém gosta de tomar um copo de babosa, ‘você aguenta?’ Eu já aguento. Eu tenho aquela fé que eu vou sair daquilo. A Babosa é triste, mas eu tomo. Falou que é remédio de mato eu tomo. Eu tenho muita fé em ervas.

De acordo com Dona Maria, a fé cura as doenças, basta pedir à Deus, estar inserido em determinado ritual de benzeção que a pessoa será curada. Além disso, a fé potencializa a ação dos terapeutas, das ervas e dos medicamentos. Ainda, de acordo com ela, há males físicos e espirituais e para todos esses a cura está na fé, em ações complementares que são desencadeadas. Ao mesmo tempo, Dona Maria afirma que há determinadas situações que você tem que ir ao médico, “passar pelas mãos dos homens”. Nesse momento, a oração segue junto, Dona Maria afirma que entrará no centro cirúrgico quando for operar da catarata com a fé em Deus. Assim, ela afirma que: “Deus deu o dom ao médico oftalmologista para ele poder cortar. Ele estudou porque é uma obra de Deus. Deus usa ele pra poder cuidar da gente”. Nesse momento, Dona Maria ora: “senhor, seja o médico dos médicos e tome conta de mim.”

De acordo com Dona Maria, a diferença entre males físicos e espirituais é que existem aqueles resultantes das relações sociais, que serão os espirituais. Dona Maria explica que o mais comum deles e o que oferece mais risco à saúde, é o quebranto. Este tipo de mal pode ocorrer intencionalmente ou sem que a pessoa responsável por sua manifestação tenha a intenção de provocá-la. De acordo com Dona Maria:

Quebranto, muitas pessoas falam que é um olho que a pessoa não sabe que tem meu irmão mesmo fala: ‘não deixa ver a pessoa não, que eu tenho mania de colocar quebrante nas pessoas sem querer’. Não é porque a pessoa quer botar o quebrante na criança, por admirar a criança demais, quando a pessoa fala assim: ‘ah que neném bonito’. Muitas vezes a gente fala assim: ‘ah! Deus tome conta’. Muitas vezes você não sabe se a pessoa põe quebrante ou não.

Desse modo, Dona Maria afirma que tanto para os males físicos quanto para os espirituais, a pessoa tem que pedir a bênção de Deus. Como relatado anteriormente, a partir do momento que aprendeu a “conversar com Deus” percebeu um aumento da autonomia sobre seu corpo e um maior domínio das dores características do envelhecimento. Ela nos conta que o dom que Deus ‘coloca’ em uma água unguida, faz com que ela aja no corpo como um remédio. Essa técnica da água é muito utilizada como procedimento de cura dos evangélicos. Assim, Dona Maria nos relata uma passagem em que a água unguida e sua fé em Deus fizeram com que ela fosse curada de uma dor na coluna:

Não vamos muito longe, tem uns 3 a 4 meses que eu nunca mais tomo remédio pra dor. Eu tinha crises de coluna que não eram brincadeira. Um dia eu disse: ‘senhor, eu não nasci com isso, fui uma pessoa... porque meu Deus essa dor na coluna?’ Teve uma noite que eu chorei tanto, com tanta dor, que eu pensei que eu ia ficar entrevada de tanta dor na coluna. Mas como eu tenho fé eu... esses negócios assim: ah, vai lá e pega eu copo d’água. Eu vou lá e pego o copo d’água e coloco no pé da televisão. Quando o pastor, o padre fala assim: ‘peça a Deus a unção que ele vai colocar nessa água.’ E eu tomo essa água como se eu tivesse tomando um remédio sim, e eu tenho certeza que ali tem um dom de Deus. E eu nunca mais fui em médico de coluna nem nada. Porque só da água unguida que eu tomei com fé. Deus quer de nós a fé. A fé tem que andar paralelamente com a gente. Todo dia, todo, instante e todo segundo.

As práticas terapêuticas de benzeção de Dona Maria são utilizadas por ela como práticas de autocuidado. No processo de envelhecimento que vive, ela contempla e intercala os cuidados advindos da benzeção em variados contextos religiosos com os da biomedicina. Além disso, o conhecimento que domina sobre o corpo e sobre os males que afligem a pessoa em sua totalidade também lhe permitiu ter autonomia e agência, ou melhor, Dona Maria traçou sua história de vida e os cuidados com o seu corpo. Hoje, aquilo que é tão preconizado pela geriatria, isto é, a autonomia do idoso, Dona Maria soube criar, sem se tornar uma vítima ou dependente de instituições ou de outras pessoas ao longo de seu processo de envelhecimento. Essa benzedeira foi e é autora de seu próprio destino.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a trajetória e os conceitos apresentados, é possível compreender melhor o universo de uma benzedeira idosa e suas significações e conceitos de saúde, cura, doença. Por meio do seu discurso, conhecemos como ocorreu e ainda ocorre seu envelhecimento e os processos de saúde-adoecimento inerentes a esse período. Bem como o significado da benzeção ao longo de todo o curso de vida narrado. Também é perceptível a forma como o envelhecimento pode interferir na prática do benzimento e na sua autonomia.

Dona Maria, além de vivenciar de forma ativa o envelhecimento, tem uma imagem positiva dessa fase da vida. Acredita que os idosos são valorizados atualmente, por terem “mais responsabilidade, mais vivência e mais sabedoria.” Além disso, tem perspectivas futuras como idosa, acredita na possibilidade de um dia cursar teologia e ainda pretende, após a realização da cirurgia para corrigir a catarata, passear muito e participar das atividades do grupo da terceira idade do SESC no qual ela já trabalhou.

A ênfase à vida é cada vez mais perceptível nas formas de sociabilidade não familiar dos grupos assim chamados de ‘Terceira Idade’. (BRITTO DA MOTTA, 2004) Bailes, bingos excursões, entre outras atividades que justificam/significam uma existência. É interessante como em histórias de vida, comumente de mulheres, a presença/participação nesses grupos representa vivacidade. (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012, p. 128)

Percebe-se em seu discurso a importância de buscar alternativas de valorização positiva dessa etapa da vida, pois “hoje em dia, se você não procurar o que fazer, você acaba se atrofiando, fica tudo doente ai dentro de casa.” Este trabalho apresentou outra variável no processo de envelhecimento, o ofício como terapeuta popular. Assim, as políticas de promoção da saúde, bem como as ações estratégicas direcionadas aos idosos devem buscar a valorização de ofícios, tendo em vista que esses ofícios fazem com que esse período seja encarado com mais naturalidade e fazem com que os velhos se enxerguem como mulheres e homens produtivos, e não como ineficazes, como se sentiam na década de 70, segundo a obra de Bosi.

Sabe-se que atividades são fundamentais para o indivíduo se sentir vivo, atuante. Grupos e universidades para a terceira idade, associações de aposentados, bailes, entre outros, promovem a possibilidade de estar ativo e se relacionar, sociabilizar, para além do espaço doméstico, do âmbito familiar. Novas formas de convivência, novas oportunidades para quem não integra o mercado de trabalho,

nem precisa zelar pela educação dos filhos (que cresceram), e, muitas vezes, perdeu o (a) companheiro (a) de toda uma vida. (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012, p. 128)

Considerado que o tema do envelhecimento é complexo diante da variedade de contextos sociais onde as pessoas se encontram, as políticas públicas devem observar a série de significados que são construídos nesse processo. Essas políticas devem observar as singularidades do seu público-alvo: a mesma política ou programa não pode ser implementada em todo o território nacional sem levar em consideração os diferentes perfis e realidades sociais dos idosos de cada localidade. Nesse sentido, os terapeutas populares constituem um segmento a ser observado mais atentamente, pois, em algumas passagens narradas por Dona Maria e nas obras aqui tratadas, que relatam estudos com benzedadeiras, percebe-se que essas agentes promotoras de saúde possuem uma significação de vida singular: uma relação positiva com o envelhecimento e a ideia de morte, consumo diferenciado de medicamentos, a crença em males espirituais, e a importância da fé da cura e prevenção tanto de males físicos como espirituais.

Além disso, de acordo com Soares (2013), os terapeutas populares são lideranças que podem auxiliar as pessoas no acesso aos serviços do SUS, e na adesão ao tratamento, aprimorando essa relação entre os serviços públicos de saúde e as pessoas da comunidade. Assim, afirma que eles:

São mais do que líderes espirituais e terapeutas de seus fiéis, são também líderes políticos e formadores de opinião e membros da comunidade, eles são importantes tradutores dos hábitos e valores desses grupos, podendo auxiliar o sistema de saúde na compreensão dessa racionalidade. [...] O estímulo a iniciativas que visem tornar os líderes religiosos como pontes para a entrada sistemática de ações e programas de saúde tendem a aumentar a efetividade e eficácia das políticas públicas. Uma vez que estabelecem uma vinculação mais horizontalizada com os sujeitos, abarcando suas representações não apenas sociais, mas também religiosas. (SOARES, 2013, pp. 46-47)

Soares (2013) relata também a necessidade de formação continuada e humanizada de profissionais de saúde sensibilizados para compreender “as demandas subjetivas dos indivíduos e estabelecer um diálogo respeitoso entre as práticas de forma a agregar em ambos os sistemas.” Além disso, é necessário que ocorra uma busca sistemática da compreensão de como essas populações de idosos e de terapeutas populares tão diversificadas se percebem nos contextos mais amplos de socialização e

de saúde, para que as ações e programas voltados para esses públicos atendam aos seus e sejam cada vez mais eficazes.

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, A. M. N. **Pensando e vivendo a política de atenção à saúde: estudo de duas biografias**. Brasília, DF: FCE-UnB, 2013. Monografia do curso de Saúde Coletiva 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

BRASIL. Lei n.º 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 5 jan. 1994, p. 77.

BRASIL. Lei nº10.741, de 1.º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 3 out. 2003.

BRASIL. Portaria do Gabinete do Ministro de Estado da Saúde de n.º 1395, de 9 de dezembro de 1999, que aprova a Política Nacional de Saúde do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, n.º 237-E, 13 dez. 1999, seção 1, pp. 20-24.

BRASIL. Portaria n.º 2.528 de 19 de outubro de 2006. Aprova a política nacional de saúde da pessoa idosos, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 out. 2006, seção 1, p 1.

CAVALCANTE, J. M; CHAGAS, W. F. As mulheres benzedoiras: entre o sagrado, a saúde e a política. In: **II Seminário nacional sobre gênero e práticas culturais: culturas, leituras e representações**. João Pessoa, Paraíba, 2009.

COZINHEIRO, S. & VIEIRA, R. A entrevista biográfica na (re)construção de cinco histórias de ser e se tornar idoso(a). **Actas do III Congresso Internacional de Etnografia**, Portugal, 2007.

FLEISCHER, S. “Então, minha filha, vamos se afomentar? Puxação, parteiras e reprodução em Melgaço, Pará”. In: **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, maio/jun. 2008.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE/Diretoria de Pesquisas, 2000. **Departamento de População e Indicadores Sociais. Divisão de Estudos e Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o período de 1980-2050 – Revisão 2000**. Rio de Janeiro: IBGE.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 13-41.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

- HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete T. Velhas benzedeadas. **Mediações**, Londrina, v. 17, n. 2, p. 126-140, jul/dez. 2012.
- LE GOFF, J. Passado/presente. In: _____. **História e memória**. Campinas: UNICMAP, 1992.
- MENÉNDEZ, E. “La enfermedad y la curación Qué es la medicina tradicional?”. **Alteridades**, v. 4, n. 7, 1994.
- MOSENA, Patricia. **A reforma psiquiátrica no Distrito Federal: a assistência psiquiátrica no Hospital São Vicente de Paulo a partir da edição da Lei nº 975/95**. Brasília: UNICEUB, 2009. Monografia do curso de Direito, 2009.
- NERY, V. C. Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. In: **NP Folkcomunicação do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**, 2004.
- NUNES, Everardo Duarte. Saúde Coletiva: história de uma ideia e de um conceito. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 5-21, 1994.
- NUNES, Everardo Duarte. Saúde coletiva: uma história recente de um passado remoto, In: CAMPOS, G. W. S. et al. (orgs.). **Tratado de saúde coletiva**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 295-315, 2006.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeadora em Campinas**. Campinas: UNICAMP, 1983. Dissertação de mestrado pela Universidade Estadual de Campinas, 1979. 476 p.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In: O trabalho do antropólogo. São Paulo/Brasília: Unesp/Paralelo, 2000.
- PAULILO, Maria Angela Silveira. A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 2, n. 2, p.135-148, jul/dez. 1999.
- QUEIROZ, M.I. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON (org.) **Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, 1998.
- RABELLO, Miriam. Religião, ritual e cura. In: ALVES, P. (org.) **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.
- SCHUTZE, F. **Die Technik des Narrativen Interviews in Interaktionsfeldstudien-** Dargestellt an Einem Projekt zur Erforschung von Kommunalen Machtstrukturen. Unpublished Manuscript, University of Bielefeld, Department of Sociology, 1997.
- SOARES, P. **Religião e cura: a biografia de um profeta**. Brasília, DF: FCE-UnB, 2013. Monografia do curso de Saúde Coletiva, 2013.
- UCHÔA, Elizabeth. Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas À saúde do idoso. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 849-853, mai/jun. 2003.

VERAS, Renato. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas desafios e inovações. **Revista Saúde Pública**, v. 43, n. 3, p. 548-554, 2009.